

O GALO

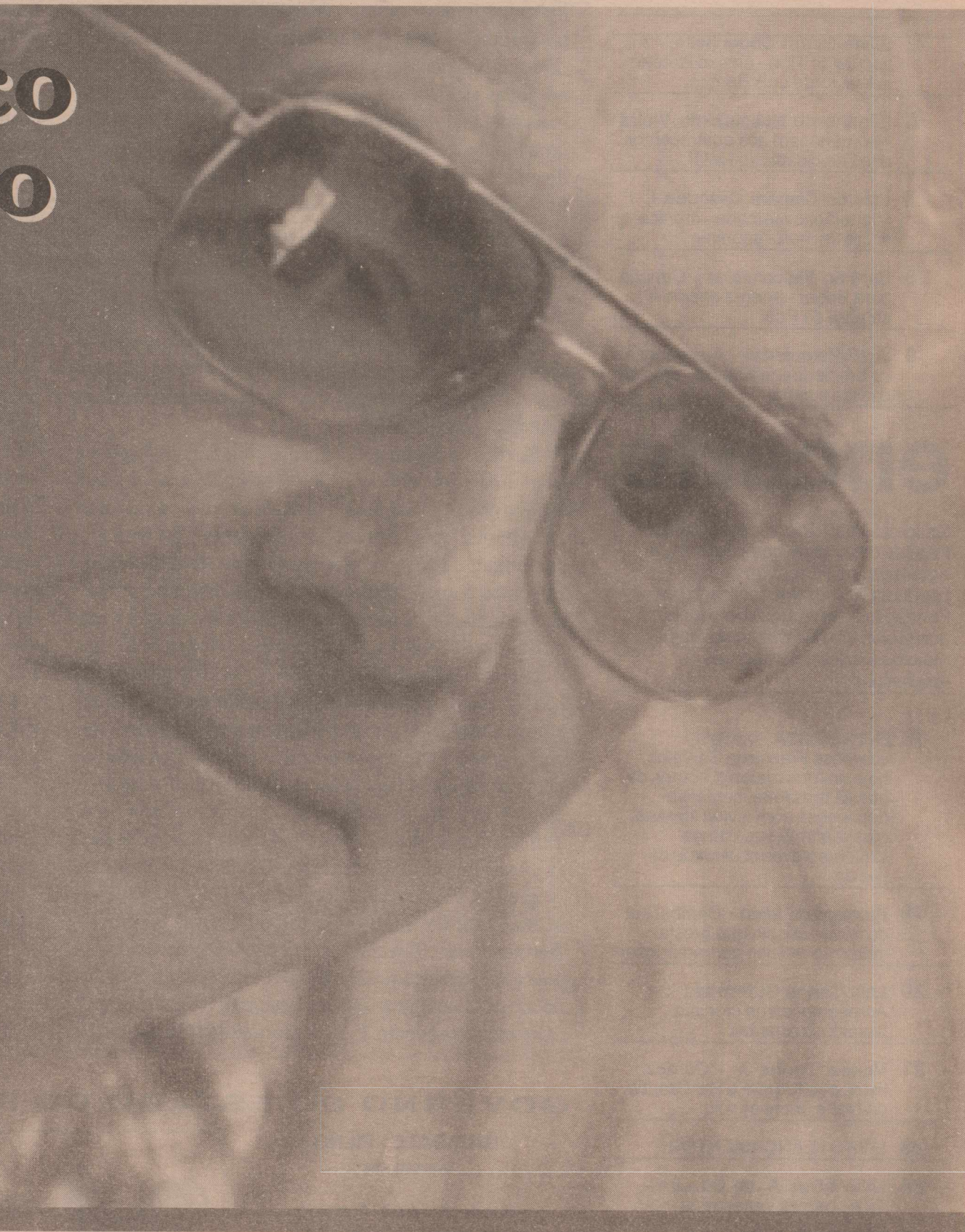


ANO XI - Nº 5 - Maio / Junho, 1999

NATAL-RN FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA

Francisco Carvalho

Se ser poeta é se fazer distinguir entre as outras vozes humanas, como defendeu Mário Quintana, então poucos escritores podem reivindicar à frente de Francisco Carvalho a aura de poeta. Autor de uma vastíssima obra aclamada pela crítica, poeta preferencial dos seus pares, Francisco Carvalho diz em entrevista exclusiva a O Galo que a poesia é antes de mais nada um exercício de liberdade da alma e do corpo, onde a transpiração predomina nitidamente sobre a inspiração. Entre as leituras que o impressionaram na adolescência inclui *Horto*, de Auta de Sousa.



I Encontro com a Literatura do Nordeste

Natal foi o centro das atenções dos intelectuais nordestinos durante três dias, quando foram debatidos os rumos e as perspectivas da poesia e da prosa na região

Índice

- 3 Manoel Victor F. Marques** - "Sertanejo"- conto ambientando no meio rural norte-rio-grandense
- 4 Carlos Humberto Dantas e Franco Jasiello** - Dois poemas inéditos
- 5 Silvia Baron Supervielle** - A escrita de Tlön - ensaio literário sobre Jorge Luis Borges
- 6 Etienne do Nascimento Vieira** - Homenagem aos quatrocentos anos da cidade do Natal
- 7 Luís da Câmara Cascudo** - Miguelão, o mercado - crônica sobre um herói anônimo
- 8 Carmen Vasconcelos** - Cancão para Edgar - poema escrito à sombra de Poe
- 9 José Melquíades** - A grandeza de um pequeno Estado - crônica da vida cultural

encarte

Os jornalistas Tácito Costa e Nelson Patriota descrevem como foi e o que aconteceu no I Encontro com a Literatura Nordeste, realizado pela Fundação José Augusto, em junho, e que reuniu em Natal algumas das maiores expressões literárias nordestinas

- 15 ENTREVISTA** - o poeta cearense Francisco Carvalho, hoje um dos maiores nomes da poesia brasileira, confessa decepções com a vida literária, mas reafirma sua crença inquebrantável na verdade da poesia
- 19 Protásio de Melo** - Capiba, rei do frevo - ensaio que presta tributo ao músico pernambucano
- 20 Luís Carlos Guimarães** - Apresentação do cronista Iveraldo Guimarães
- 21 Manoel Onofre Jr.** - Os dez livros que fizeram o Rio Grande do Norte neste século
- 23 LIVRO/LANÇAMENTOS**
- 24 Lívio Alves A. de Oliveira** - Três poemas vazados na escritura amorosa

Nota da Redação

Por um lapso de digitação, faltou a seguinte frase no penúltimo parágrafo do conto "Banca de jornal", de Renard Perez, publicado na edição passada de O Galo: "...tu não aparecia. Um dia recebi o cartão de Natal, o Forte dos Reis Magos. Aí eu entendi".

Um encontro memorável

Seja na literatura, seja na vida, é quase sempre inevitável que as paixões e a própria razão se deixem arrastar em contendas do tipo quem é quem. Mas cremos ter sólidos motivos que justifiquem um quem-é-quem literário girando em torno da questão: quais os maiores poetas brasileiros da atualidade. E nessa contenda, o nome do cearense Francisco Carvalho provavelmente apareceria em todas as listas sufragadas, senão como o maior, ou mais apreciado, com certeza entre aqueles que gozam de uma reputação sólida entre poetas e leitores. Isso apesar do ceticismo que o poeta revela sobre o fazer literário, que também entre poetas essas coisas sóem acontecer! É, portanto, com especial satisfação que trazemos aos leitores a palavra de Francisco Carvalho, de corpo inteiro na entrevista que gentilmente nos concedeu, e onde discorre sobre o papel do poeta em tempos finisseculares como o nosso, onde a arte, enquanto valor ordenador da vida humana, ao lado de outros valores, sofre o impacto das múltiplas mudanças que desnorream o homem contemporâneo.

Razões de ordem operacional e editorial nos forçaram a dar uma dupla periodicidade a esta edição. Com isso, esperamos atualizá-la a partir deste mês. E, o mais importante!, mantê-la em dia, doravante. Um fator que sobremaneira pesou nessa decisão foi a realização do I Encontro com a Cultura Nordeste, de junho último, promovido graças ao empenho pessoal do diretor-geral da Fundação José Augusto, jornalista Woden Madruga, e do corpo editorial desta publicação. Temíamos que, não noticiando-o agora, o assunto terminasse por "esfriar" editorialmente. O que seria lamentável, haja vista que contou com a presença de escritores de vários Estados nordestinos, como os paraibanos Odilon Ribeiro Coutinho e Hildeberto Barbosa Filho, o acreano/cearense Jorge Tufic, os pernambucanos Marcus Accioly e Carlos Newton Jr., bem como dos norte-rio-grandenses Sanderson Negreiros, Franco Jasiello, Paulo de Tarso Correia de Melo, Vicente Serejo, Carlos de Sousa, Humberto Hermenegildo, Tarcísio Gurgel, quer como convidados, quer como debatedores, e mais: o comparecimento regular de um público interessado e participativo, garantiram o êxito pleno do evento. É evidente que algumas ausências

incomodaram os promotores, haja vista que eram esperadas. Até porque, como pessoas ligadas às produções culturais e literárias, seria absolutamente lícito contar com o seu comparecimento. Ocorre-nos um velho chavão: são coisas de província. Um resumo sobre o que foi o I Encontro com a Literatura Nordeste encontra-se no encarte que integra este Galo.

Ensaaios variados recheiam as páginas desta edição. O pesquisador Manoel Onofre Jr., atento observador da cena literária norte-rio-grandense, selecionou a pedido de O Galo os dez livros que melhor representam a nossa cultura neste século. Dado o caráter sempre controverso de tais escolhas, mesmo partindo-se de critérios objetivos, esperamos que outros intelectuais façam suas próprias listas, tendo em vista que o século só se encerrará em dezembro de 2000. Haverá tempo, portanto, para refletir e consignar no papel, quem sabe, ao fim do período possamos term uma lista se não consensual, ao menos próxima desse alvo. Os ensaios prosseguem com Protásio de Melo, o qual presta homenagem a Capiba, o mestre do frevo, enquanto José Melquíades faz uma incursão sobre as grandezas e misérias da vida provinciana e a francesa Silvia Baron Supervielle decodifica cartesianamente a escritura borgesiana. A poesia traz duas estréias: Carmen Vasconcelos, que parafraseia o célebre poema soturno de Edgar Allan Poe, e Lívio Alves Araújo de Oliveira, que expressa os desacertos do amor. Os veteranos Franco Jasiello, Carlos Humberto Dantas e Etienne do Nascimento Vieira manifestam a multiplicidade e o colorido das vozes que animam a poesia norte-riograndense deste fim de século.

Na crônica, uma pérola da rica seara cascudiana, "Miguelão, o Mercado", saga de um herói anônimo dos mares, e a estréia de Iveraldo Magalhães, renovo do gênero tão tradicional nas letras natalenses, sob a chancela do poeta Luís Carlos Guimarães.

O conto traz a estréia de Manoel Vitor Fernandes Marques que, esperamos, seja profícua.

Atenciosamente,

O Editor

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
Governador

Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-Geral

JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

Departamento Estadual de Imprensa
CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA TORRES
Diretor-Geral



O GALO

Nelson Patriota
Editor

Tácito Costa
Redator

Jailton Fonseca
Produção

Colaboraram nesta edição: Francisco Carvalho, Protásio de Melo, Manoel Vitor Fernandes Marques, Franco Jasiello, Carlos Humberto Dantas, Iveraldo Guimarães, Câmara Cascudo, Carmen Vasconcelos, José Melquíades, Lívio Alves de Araújo Oliveira, Manoel Onofre Jr., Luís Carlos Guimarães e Etienne do Nascimento Vieira.

Redação: Rua Jundiá, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020.220 - Telefax (084) 221-0345. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados.

O sertanejo

Manoel Victor Fernandes Marques

O sertão estava seco. Fazia três anos sem o cheiro de terra molhada. A caatinga encurvada, sem nada verde, exceto cactáceas como palma, xique-xique e mandacaru, e uns juazeiros minguados. Longe, avistavam-se as serras. Os açudes estavam secos, o solo petrificado. Esse era o ciclo de vida imposto pela natureza e imortalizado pela inércia das oligarquias. Salustino, homem justo e ignorante, pai de Bastião e Zé Elias, pegou a cabaça de água, roupas e uma mula desnutrida, seus filhos e a mulher Nastácia, e pôs-se a caminhar pela estrada seca.

Pele queimada pelo sol e mãos calejadas pelo cabo da enxada, era duro deixar um sertão que deixara tantas marcas. A rota era incerta. Queriam atingir a capital do estado.

A paisagem surgia monótona como se toda a caatinga fosse igual. A mula ia arfando com as duas crianças na montaria. No horizonte avistavam juazeiros onde pretendiam descansar. A caminhada é dura, e as solas nuas dos pés atritam-se com os pedregulhos do caminho. Passaram-se quatro horas e a boca estava sedenta por água. Pararam. Cada um molhou a goela com um gole na cabaça e assim prosseguiram lentamente naquele forno escaldante. A fome já abatia. As pernas estavam trêmulas quando chegaram ao local dos juazeiros. O céu começava a se colorir num arrebol crescente e logo viria a escuridão. Aquele seria o local de uma noite intranquilha de fome e de medo. O que seria daquelas crianças tão pequenas? Qual seria o futuro daquela família? Essas interrogações perseguiram a noite nos pesadelos de Salustino.

Amanheceu, e o medo dominou à sombra daquele juazeiro. Galopes de cavalos com homens bem armados na montaria. Eram os jagunços de Vargas, um riquíssimo empresário da capital, dono de uma grande fazenda no interior do estado e outras para o lado de Goiás.

"Saíam dessa terra caboclos esfarrapados, de outro modo provarão o gosto de chumbo"- disse um dos jagunços.

"Não se aveche moço! Tamo de retirada da seca. Vamos embora agora mermo"- respondeu Salustino.

"É Melhor que seja. Se encontrar vocês de novo aqui vão comer bala. Tão avisados"- disse o mesmo jagunço, antes de dar as costas àquela família desgrçada, e sair em retirada.

"Vamo simbora muié. Qui essa terra é amardiçada pra nós."

E seguiram novamente para um caminho incerto. Mas não sentiam dor, nem fome ou sede. Eram bichos humilhado pela seca e pelo sistema.

Apareceu de repente... Uma gota de lágrima vibrou a lâmina tranqüila daquele açude perdido e seco na solidão escaldante da caatinga, nas passadas de homens sem destino, nas imagens desfiguradas e

ressecadas daquelas manhãs enclausuradas na dor, que eram lágrimas de oração entornadas nos olhos da infância. Lágrimas que se dissolviam na água verde de um açude exaurido no coração apunhalado por séculos de opressão, por guerras nunca declaradas, mas silenciosas. Escândalo e mancha na História, muito pior que campos de concentração, guerras, drogas e violência urbana... a alma da caatinga ainda chora, e o sertanejo é forte como um animal acotado e esporado, forçado a galopar. Quanta terra infunda em meio a vapores secos e pedras roliças, beirando barreiros extintos! Quantas mentes superiores presas aos grilhões da ignorância, naquele solo rubro repleto de cadáveres de faces rugosas de poeira e sol... As mãos calejadas de foice e coragem, e ainda assim com orgulho intenso e vontade de trabalhar e ser chamado homem justo.

Passou uma semana. A fome alucinava a mente, os corpos sedentos viam miragens, os olhos estavam arregalados, e as faces sérias. Eram animais em busca de manter a vida.

"Salustino! Peraí! Num fuja não!"- exclamou Nastácia aperriada, quando Salustino pôs-se a correr desenfreadamente com seu facão fora da bainha.

O pobre ser parou. Faminto, caiu de joelhos na terra quente do meio-dia. Após uns poucos instantes, chega o resto da tropa.

"Salustino, meu fio, cê tá doido é? Qui diacho aprocdeu?"- questionou Nastácia.

"Muié Avistei um açude cheinho. Nas margens tinha um bezerro tomando água e corri pra matar pro causa da fome. E quando cheguei lá"...parou para respirar um pouco... "num tinha mais nada e caí por terra de tanta cansera."

Continuaram a caminhada. Olhavam as passadas frágeis da mula. Nastácia desejava cortar o pescoço daquele animal e beber o sangue ainda quente. Não sabia se faria aquilo por fome ou sede.

Avistaram uma casa abandonada, vizinho a



caatinga bem densa. Dessa vez ninguém se atreveu a correr. Pensaram que era uma miragem novamente. Chegaram. Desceram os moleques e amarraram a mula. A casa era de barro batido. Tinha uma cozinha com um velho fogão a lenha e panelas no chão, dois quartos e mais uma pequena sala. Atrás da casa tinha um banheiro isolado, e mais distante, uma cacimba.

Os moleques foram brincar perto da cacimba. Bastião era um pouco mais velho, garoto de pernas cambitas e testa grande. E o que mais chamava atenção em Zé Elias era uma pele quase vermelha e os cabelos hirsutos cobrindo a face.

“Mããããnhêêêêêê! Água, água, água!”- entraram os dois pela porta gritando.

“Aonde!”

“Na cacimba velha, mãe.”- esclareceu o mais novo.

O velho balde, puxado pela manivela, retirou as últimas gotas de uma água barrenta com gosto de sal.

Na salinha, aquelas faces dessecadas pelo sol contavam as rugas que o tempo deixou, mas não eram capazes de relatar a proporção da dor humana.

A tarde já caía no horizonte. Salustino acordou espantado pelo barulho de cascos de cavalos atritando as pedras da estrada. Correu para fora da casa com a mão no coração e as pernas fracas e trêmulas de medo. Eram dois peões que vinham tomar satisfação sobre a casa. Colocaram o pobre homem na montaria e galoparam por cerca de duas

horas. Entraram numa grande casa em meio a caatinga. Passaram por uma porta grande e adentraram em um corredor, onde no fim se avistava um senhor de respeito, sentado em uma cadeira macia fumando um charuto cubano.

“Inhor. Encontramo esse esse caba safado na casa abandonada perto da colina dos juazeiros”, falou o peão.

“Eu sou o coroneu Tonico Larangeira de Almeida da Costa e Prado.”

Nesse instante Salustino se ajoelhou perante a autoridade, encurvando-se aos galões daquele homem de barbas grisalhas. A mente oprimida do ignorante não resistiu a força de um nome comprido. “Esse homi tem um nome pra riba di grande. Esse é o tar coroné qui me falaro uma vez na cidade. Aquele que vivia nas uropa”- pensou no seu íntimo.

Disse o coronel: “Levante-se homem. Só falo com macho olhando a cara do sem-vergonha.”

“Eu num sô sinvirgunha não sinhô. Sô é caba macho bom di inchada e foice. Eu pediria a vosmicê coroné que tivesse pena di mim e ajudasse na fome de meus ossos fraco, pela bondade de nossa Sinhora do céu”.

Prometeu água, comida e uma boa paga, pois “o coronel é homem de bom coração”- suspirou após uma profunda tragada no charuto.

Montaram novamente nos cavalos e na viagem de volta não havia mais o peso da goela sedenta e

fome, pois carregara charque, farinha e água. “Tudo isso era presente do bondoso patrão”, pensava isso, e sonhava com a mulher formosa de antes, longe daquelas pernas cambitas fabricadas na seca.

Distante se avistava uma luzerna que cada vez mais vinha se aproximando, aproximando, até se avistar uma grande fogueira no terreiro iluminando a escuridão. Lá estava Nastácia esfregando as contas de um rosário velho e as crianças dormindo, entorpecidas de lassidão.

A pobrezinha arregalou os grandes olhos dando graças, e tomou-se de lágrimas ao saber das boas novas.

A noite foi longa e os sonhos acordados se transformavam em grandes pesadelos na imagem do velho Chico, carregando troncos nas costas. Fora escravizado pelo patrão. O dinheiro do salário fora convertido em dívidas nas contas espertas de um tal imposto e um tal de juros. Essas duas palavras apertavam a cabeça, e perseguiram-no pelo resto da noite...

O sol desabrochou um novo dia. Salustino saiu desorientado a correr sem rumo. Nastácia o encontrou como um louco, e abraçado a uma pedra, totalmente sujo com o próprio sangue no fundo de um açude seco, expirou para a morte.

Manoel Vitor Fernandes Marques é poeta, contista e estudante de Medicina na UFRN

Porque és leve

Carlos Humberto Dantas

Porque és leve como asa, ou porque partes
Somos portos, ou somos mãos, como traços no ar

E somos os que ficam e velam
E o que se despede somos porque assim queremos

E o que temos, se assim dispomos,
E se assim pedimos, isso que nos falta

E pelo que pagamos, e se assim nos damos,
E se ao não ser negamos, porque assim não somos

E porque és pranto e a fala é falta,
E pelo que se oculta, e porque ferimos

E porque não estamos ou porque fugimos,
Como em toda parte, ou como em toda arte, somos

Carlos Humberto Dantas é poeta e artista plástico

Paisagem adriática no inverno

Franco Jasiello

A margem do percurso é tênue sulco
Na epiderme do Adriático sujo
Pelo pouso cinzento das gaivotas.
Memória de mulheres tristes das ancas
Trêmulas à seda do vento oriental.
Palavras reinventadas chegam de ilhas
enevoadas de inverno e despedida.
O retorno dói mais que a distância.
A descoberta da solidão definitiva
Situa-se inevitável nas praças
e no regaço das curvas perde-se
o tecido imperceptível do viver.
O presente arde na espuma ocidental
ainda grudada na vista e no pecado.
O passado colhe sua lenta escuridão
e a nuvem pálida do hálito profundo.

Franco Jasiello é poeta e professor de História da Arte na UFRN

A escritura de Tlön

Silvia Baron Supervielle

Há alguns anos, uma placa à memória de Borges ia ser colocada sobre a fachada de "l'Hotel", rue des Beaux Arts, onde ele se hospedava com Maria, sua mulher, quando visitava Paris. Sem dúvida ele amava esse lugar por causa de Oscar Wilde que ali se abrigava quando o hotel se chamava Hôtel d'Alsace, e onde morreu no começo do século, justamente um ano após o nascimento de Borges. Sobre um canto do frontão uma placa consagrada ao escritor irlandês, do qual Borges dizia: "Wilde é um desses escritores afortunados que pode dispensar a aprovação da crítica e mesmo, às vezes, a aprovação do leitor".

Perguntaram-me se sobre a pedra de Borges dever-se-ia inscrever a palavra *poeta* ou a palavra *escritor*. Não encontrei a resposta imediatamente. Para mim, a palavra *poeta* estava carregada de um sentido tradicional que não se harmonizava com sua obra. Igualmente em francês e em espanhol, *poeta* se aproxima mais de *poético* ("poétique") do que de *poesia* ("poésie"). Borges, me parece, excedia essa palavra que, mesmo definindo o indizível, não se desvia de sua rota. Apesar de sua universalidade e celebridade, Borges é um escritor marginal. Sua obra mesma, com a cumplicidade de Borges - o outro -, o situa na margem ou, se se prefere, nessa esfera que exerceu sobre ele uma grande ascendência e que, paradoxalmente, ocupa o centro de seus livros.

Creio haver dois tipos de escrituras, a dos escritores e a dos escritores criadores. Borges pertence ao grupo dos últimos, suas preferências recaindo igualmente sobre os autores inclassificáveis. De uma fronteira, como que despojada de palavras, esses autores recriam a literatura, seja nela empregando a língua materna, seja empregando uma outra língua. No prefácio de *Cuaderno San Martin*, Borges escreve: "Vi em Verlaine o exemplo puro do poeta lírico; em Emerson, o poeta intelectual. Como classificar Shakespeare ou Dante?"

Em suas primeiras compilações de poemas, como *Luna de enfrente*, os textos em prosa estão ausentes, mas os versos livres se compõem de frases alongadas, anedóticas, comparáveis à prosa. As anedotas, em *Historia Universal de la Infamia*, se transformam em fragmentos, breves relatos, episódios, cujas linhas se estendem de uma margem à outra das páginas. É em 1952, com a publicação de *El Hacedor* em Buenos Aires, que Borges combina realmente poemas e prosas no mesmo volume. A partir daí, essa resolução de apresentar desse modo seu trabalho se renova e se confirma, notadamente em *El otro, el mismo*, *Elogio de la sombra* e *El oro de*



No planeta borgesiano de Tlön, a metafísica é um dos ramos da literatura fantástica e o tempo, uma impossibilidade

los tigres, as obras posteriores estão todas compostas dessa maneira e em particular seus últimos compêndios de poesia: *La cifra* e *Los conjurados*.

Passo em revista seus prólogos, detenho-me em suas frases: "No começo dos tempos, tão dócil à especulação vaga e às irremediáveis cosmogonias, as coisas poéticas ou prosaicas não deviam existir. Tudo devia ser um pouco mágico... Ao fim de quatrocentos anos, os anglo-saxões deixaram uma poesia amiúde admirável e uma prosa apenas explícita. A palavra foi talvez, no começo, um símbolo mágico que a usura do tempo abismaria...". Borges utiliza a palavra *magia* como se ela resumisse a literatura; não toma consciência de que resume suas obras dela apagando toda linha de demarcação.

Percorrendo de mais perto seus livros, percebo que se, de um lado, poesia e prosa aí se confundem, de outro lado, elas se mantêm distintas, cada uma a seu modo. Ele assim comenta a poesia: "supõe-se que a prosa está mais próxima da realidade do que a poesia. Creio que isto é um erro... A poesia é o reencontro do leitor com o livro... A linguagem é uma criação estética... O fato estético é alguma coisa tão evidente, tão imediata, tão indefinível como o amor, o sabor da fruta, a água".

Como de costume, é ele quem nos dá a chave do enigma. Na verdade, o fato de que sua prosa e sua poesia estejam igualmente unidas e desunidas não é importante. Isto indica sobretudo que, do começo ao fim de suas páginas, Borges dispõe as coisas à sua maneira e transforma sua aparência a fim de nelas insuflar uma realidade imediata. As novelas de Borges são de temas consignados: as biografias, relatos; os prefácios, testamentos; os tratados, poemas. Em geral, uma precisão 'policia' corrige a emoção das ficções entre os quais o romance permanece necessariamente ausente. E cada uma de suas histórias é uma epopéia.

Figura perfeita, sem começo nem fim, o círculo é o símbolo da harmonia, do absoluto, contidos na palavra Enciclopédia, mesma. O *Enkuklios paideia* dos gregos - *enkuklios* significando "circular" (de *kuklos*: círculo) e *paideia* instrução - é um trajeto do conhecimento ao final do qual o aluno adquiriu um círculo fechado, que supõe um centro, mas também uma empresa comum e anônima. Seu tempo, como uma maneira de transmissão e de tradução, é o presente: o presente do passado e o presente do presente. Seu tema é um não-tema. Seu autor não entra em cena, ele introduz em cena as coisas e os seres que ele consigna. A obra de Borges é um ponto de chegada, a Biblioteca é o ponto de partida. Para Borges, a Enciclopédia e a Biblioteca são análogas por serem imagens do infinito. As imagens de Borges pertencem igualmente ao infinito e, no infinito, toda classificação é matéria de infinito. Na *Biblioteca de Babel* Borges procura a língua absoluta e também o livro que resumiria todos os livros, e também o Homem do Livro, que se compara a Deus, pois leu esse livro perfeito.

Um dia, numa Enciclopédia deixada em seu nome no hotel de Adrogué, onde se instalou durante o verão, Borges descobre a existência de um planeta que se chama Tlön. E com ele sua arquitetura, suas mitologias, o rumor de suas línguas, seus imperadores e seus mares, seus pássaros, seus peixes, sua álgebra e seu fogo. Descreve Tlön como a obra de uma sociedade secreta de sábios, dirigida por um homem de gênio, onde o mundo não é mais um concurso de objetos no espaço mas uma série de atos independentes. A literatura de Tlön abunda em coisas ideais, convocadas ou recolhidas de imediato, segundo os imperativos da poesia. Uma simples coincidência as determina. Nela se encontram poemas expressos por uma só palavra. E essa palavra é às vezes contida num objeto criado pelo autor.

Em Tlön, diz-nos ele, os filósofos não buscam a verdade, mas o espanto. Alguns pensam que a metafísica é um ramo da literatura fantástica. Uma das escolas de Tlön renega o tempo; afirma que o presente é indefinível, que o futuro não tem realidade senão através da esperança; que o passado só tem realidade através da lembrança. Uma outra

escola declara que o tempo já passou e que a nossa vida é apenas a lembrança de um processo irreversível. Uma outra história do universo é a escritura, a qual produz um deus subalterno que se entende com o demônio. Uma outra que, enquanto dormimos aqui, estamos algures em estado de vigília, cada homem sendo, assim, dois homens.

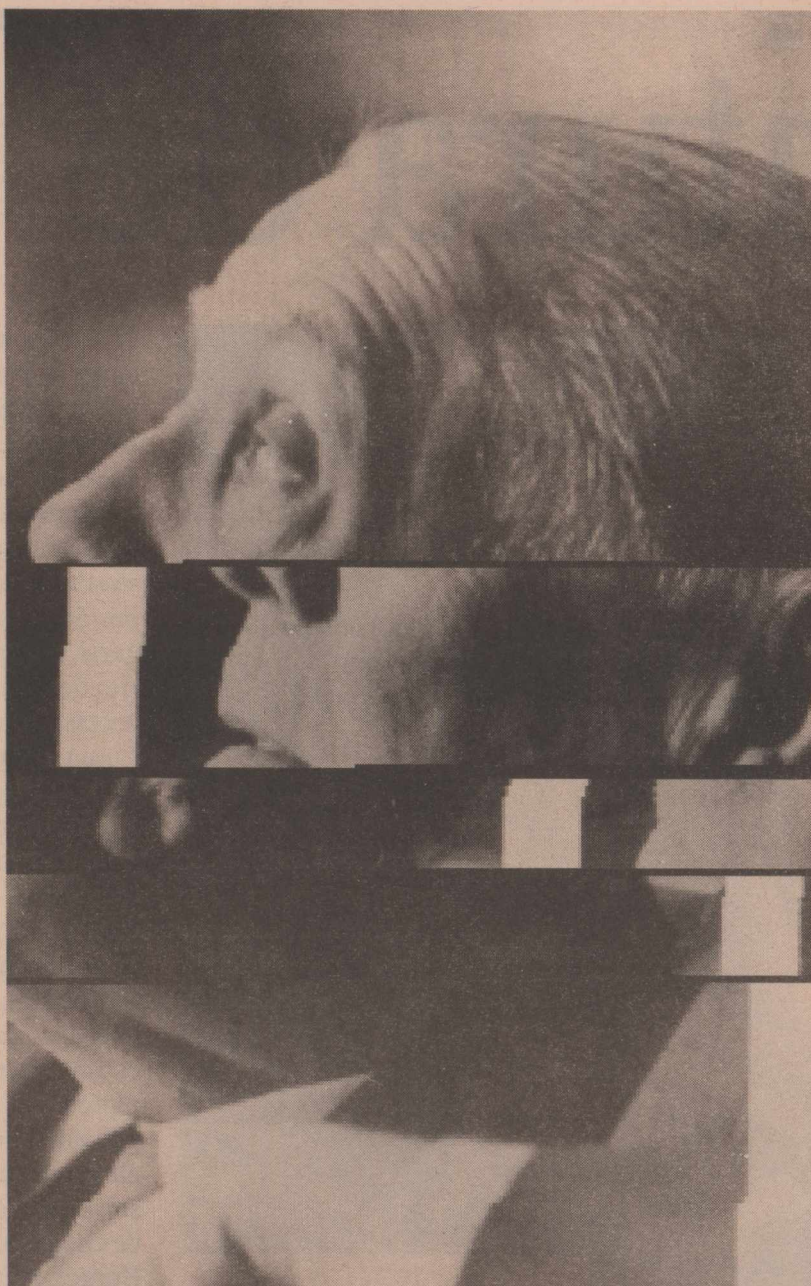
A geometria de Tlön compreende duas disciplinas: a visual e a tática. Demonstra que o homem se desloca modificando as formas que o cercam. Sua aritmética se fundamenta em cifras indefinidas, a operação de contar tornando-as definidas. Nos costumes literários de Tlön, a idéia de um tema único é todo-poderosa. É raro que os livros sejam assinados, o conjunto das obras sendo a obra de um autor intemporal e anônimo. Nos livros de ficção, onde o tema é igualmente único, todas as combinações imaginárias são possíveis, as dos filósofos contendo o pró e o contra de uma doutrina.

Em Tlön, séculos e séculos de idealismo influenciaram a realidade. Não é raro, nas regiões mais antigas, que os objetos perdidos tenham suas cópias. Chamam-se *hrörir* essas cópias que retiram sua origem da distração e do olvido. Inumeráveis línguas e alfabetos forjam a sua escritura, o hábito do planetário tendo feito o homem esquecer que seu rigor não lhe vem dos anjos mas dos jogadores de xadrez.

Esse planeta, ao qual Borges gostaria de pertencer, flutua sobre Buenos Aires e sobre a periferia do universo. Ora, a periferia é sinônimo de exílio. Borges está no exílio tanto no seu país como quando percorre a esfera. Seu exílio é interior, talvez porque ele não veja, ou por seu poder excepcional de percepção, ou por sua memória extraordinária, como a de Funes, seu jovem herói uruguaio. Ou ainda, por seu destino, oposto ao dos descendentes de seus heróis. Borges é o prisioneiro da realidade do seu sonho.

“Considere que estávamos, como sempre, no fim dos tempos e que meu destino de último sacerdote do Deus me daria acesso ao privilégio de intuir essa escritura”, diz o prisioneiro de *A escritura do Deus*. A escritura que Borges intui, à medida que ele a traça, escapa a todas as definições; ela é tanto intemporal como anônima. Não é difícil conjecturar que ela lhe chega de Tlön. À medida que Borges concebe o planeta Tlön, é iniciado em suas escolhas e as corrige, as aperfeiçoa.

A reflexão, os escritores criadores não deveriam ter nome ou, se este é o caso, não ser qualificados a não ser por essa única característica. Não se dirá o poeta Dante, mas Dante. Shakespeare batizou a poesia com o seu nome. Borges o estendeu até à fronteira do horizonte. Se é necessário fazer referência



O exílio de Borges é interior, talvez porque ele não veja, ou por seu poder excepcional de percepção, ou por sua memória extraordinária

à poesia, é possível, segundo as afinidades de cada um, pronunciar por exemplo os nomes de Virgílio, Quevedo, De Quincey, Emerson, Carriego, Joyce, Poe, Kafka, Whitman, Kipling, etc., sobrevivendo, como Borges, fora dos mapas geográficos e do rio do tempo.

Tanto quanto esses nomes, vocábulos como *visão, magia, círculo, tigre, memória, Islândia* me reportam a ele imediatamente. Para voltar ao projeto da inscrição sobre a pedra, nela não se poderia inscrever estas palavras nem seu único nome sem outro esclarecimento. Não estávamos em Tlön. Finalmente, outras pessoas partilhando as nossas dúvidas, optou-se por inscrever somente sob o seu nome o nome *escritor*, palavra que contém poesia mas, em primeiro lugar, *escritura*. A placa foi instalada sobre o frontispício de l'Hôtel, do lado oposto ao da de Wilde. Melhor do que qualquer outro, esse nome, que escapou a todas as aprovações, acompanhará o seu no presente da eternidade.

Tradução de Nelson Patriota

Silvia Baron Supervielle é escritora e tradutora francesa. Escreveu *La ligne et l'ombre*, e colabora na revista *Magazine Littéraire*, publicação literária mensal editada na França e da qual foi retirado o artigo “A escritura de Tlön”.

NATAL

Quatrocentos anos

Etienne do Nascimento Vieira

Estás aniversariando terra de paz,
Te parabenizo daqui, tão distante,
E nesse meu devaneio marcante e fugaz,
Está o grande amor deste teu filho errante.

Berço da poderosa nação Potiguar,
Terra de sonhos e cheia de encantamento,
Com a brisa meiga e amena a nos refrescar,
E uma paisagem de paz desse momento.

Abençoada fostes pela Virgem do céu,
Quando sua imagem boiando nas águas do rio,
Surgiu, a te presentear com tão rico troféu,
Na tua marcha histórica, um bravo desafio.

O vasto mar que te banha com carinho,
Mesmo o Potengi que corta tuas entranhas,
Riscando no solo seu largo caminho,
Te acariciam com suas mãos estranhas.

Com teus quatrocentos anos de história,
Teu solo guardado pelo Forte altivo,
De grandes batalhas ainda na memória,
Quando heróis conquistaram o chão nativo.

O vento a brincar nas dunas caminhantes,
Quando findam as mornas tardes de arrebol,
Nos envolve como um abraço de amantes,
Ao chegar a noite nessa terra do sol.

E já quatrocentos anos se passaram,
Quando findam as mornas tardes de arrebol,
Nos envolve como um abraço de amantes,
Ao chegar a noite nessa terra do sol.

E já quatrocentos anos se passaram,
Quando os primeiros colonizadores,
Chegaram às praias de areia branca e aportaram,
E da terra se declararam senhores.

Fostes fundada num belo dia de Natal,
Razão de ser do teu nome, e o tens por sorte,
És um presépio aos olhos, bela capital,
Do nosso estado do Rio Grande do Norte.

Etienne do Nascimento Vieira, 71, natalense radicado no Rio de Janeiro, aposentado, autor de “Minha Imagem, Escrita em Versos”.

Miguelão, o Mercado

Luís da Câmara Cascudo

Miguel Lourenço Ferreira, Miguelão, faleceu a 10 de novembro de 1935. Tinha 82 anos. Ainda o recordo, gigantesco, lento como uma tartaruga, arrastando na areia os pés de trinta centímetros. Não sabia correr. Tudo nele era força, majestosa, sólida como uma montanha de granito. Os ombros suportaria um castelo e a mão, espalmada, daria espaço para um baile. Era um São Cristóvão ainda mais rude, mais simples, mais primitivo. Fundamentalmente bom, generoso, acolhedor. Falava devagar, como se puxasse as palavras do fundo do abismo. Todas essa costa do norte de Genipabu a Caiçara, conheceu e gabou Miguelão. Na literatura oral ficou como personagem lendário, espantoso sem semelhança humana. No paraíso, São Pedro, patrono dos pescadores, dar-lhe-ia o lugar de duas almas, porque Miguelão não caberia no canto destinado a um só.

O pai, Gabriel Lourenço Ferreira, de Rio do Fogo, praia linda de Touros, abençoava vinte e cinco filhos. Dos quinze homens, onde plantavam em terra e pescavam no mar. Um era vaqueiro, três pescadores, também especializaram-se em mergulhar. Eram escafandristas. Escafandristas sem aparelhos. Sem bomba de ar. Sem cabo de sinal. Sem sapato de ferro. Sem vencimentos remunerados. Despiam-se, atiravam-se na água. Na água viveram duas terças partes da vida. Conheciam dezenas e dezenas de navios, de barcas, iates, de galeras, de povoados de peixes e com longas algas ondulantes. Sabiam o fundo do rio Potengi, as barras do setentrião norte-rio-grandense, de baixo para cima. Só eles tinham visto os fundamentos da cidade, as bases das rochas, o alicerce dos arrecifes. Os manos, João Lourenço Ferreira, Mestre prático, Miguelão e Júlio Lourenço Ferreira, foram os maiores, os mais fantásticos de todos os mergulhadores. Deixaram renome, mas impossível será um imitador. Debaxo d'água trabalhavam com machado, talhadeira, martelo. Cartavam, serravam, empilhavam. Minutos seguidos, numa inexplicável respiração, deslocavam grandes pesos submersos, indo ao mais profundo recanto das naus imóveis. Peixes perpassavam, olhos de fogo, abrindo as guelras inquietas, agitando as barbatanas, policolores. Sombras de monstros, cadáveres de embarcações, rumos

de pedra, vestígios de vida, flora exótica e assombrosa, eram paisagem habitual para os olhos desses tritões mendigos, tirando da morte a existência para os filhos.

Miguelão, com quase dois metros de altura, com mais de 130 quilos, nunca levantou a voz. Quando vivia nas praias, conduziu na cabeça trinta litros de farinha, um saco com 16 cuias, carga do gigante Golias, almoço de Gargântua. Com esse carregamento, face dura, impassível, Miguelão calcava o areial, tocando na violinha, apertada no sapato que

lhe coubessem nos pés. O pai fez uns sapatões de carneiro. Miguelão nunca possuiu outro par de calçado. Nas noites de farinhada, trazia um tronco de árvore, que dois homens vacilariam em erguer.

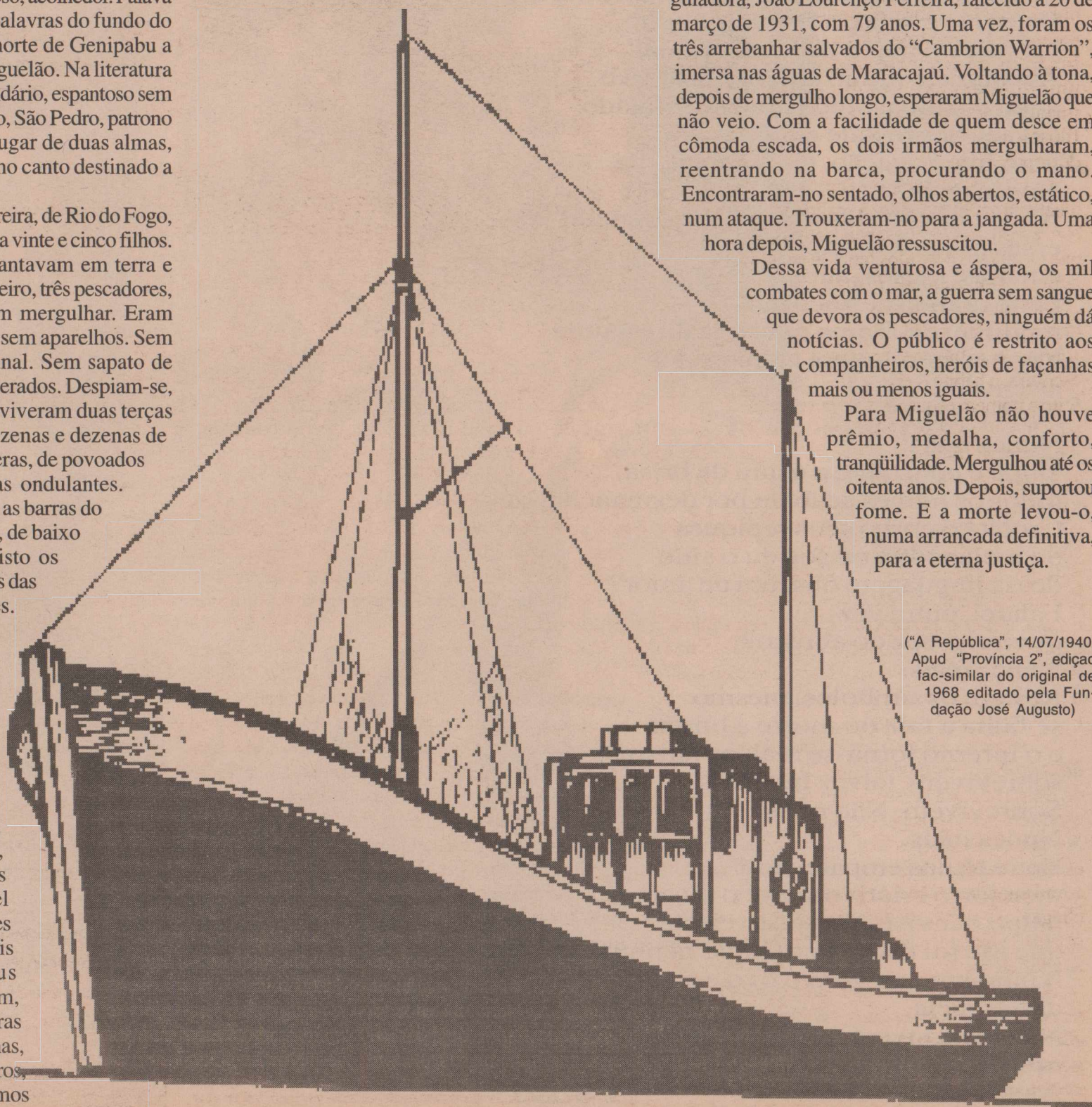
No mar, nas águas do Potengi, o gigante era rápido, leve e sutil como um peixe. Ia, de escotilha em escotilha, vistoriando as barcas naufragadas, como se fizesse a mais fácil e natural pesquisa. Ao lado dos irmãos, não havia impossível, em distância, volume e profundidade.

O mais velho, mestre prático, era a cabeça guiadora, João Lourenço Ferreira, falecido a 20 de março de 1931, com 79 anos. Uma vez, foram os três arrebanhar salvados do "Cambrian Warrion", imersa nas águas de Maracajaú. Voltando à tona, depois de mergulho longo, esperaram Miguelão que não veio. Com a facilidade de quem desce em cômoda escada, os dois irmãos mergulharam, reentrando na barca, procurando o mano. Encontraram-no sentado, olhos abertos, estático, num ataque. Trouxeram-no para a jangada. Uma hora depois, Miguelão ressuscitou.

Dessa vida venturosa e áspera, os mil combates com o mar, a guerra sem sangue que devora os pescadores, ninguém dá notícias. O público é restrito aos companheiros, heróis de façanhas mais ou menos iguais.

Para Miguelão não houve prêmio, medalha, conforto, tranquilidade. Mergulhou até os oitenta anos. Depois, suportou fome. E a morte levou-o, numa arrancada definitiva, para a eterna justiça.

("A República", 14/07/1940, Apud "Província 2", edição fac-similar do original de 1968 editado pela Fundação José Augusto)



Cantiga para Edgar

Carmen Vasconcelos

"Then the bird said, Nevermore..."

Edgar Allan Poe

Corri todos os riscos e aceitei o fim.
Desde o começo eu soube,
não sou mulher namorável.
Se não fosse minha paixão por esculturas...
Bem, ele está lá, o amor que sinto,
Lá sobre o busto de Palas flutua.
Acostumei-me ao crocitar do corvo
aqui, sozinha, olho para ele enrolado
em seu negro xale e, impávido,
feito interrogação, também me fita.
Nunca mais?
Nunca mais todas as horas de despedir-se,
essas horas decompostas
em dias, meses, anos...
Feito aranha de encosta,
rendilhei de aroma uma teia de espuma
e noites e noites em claro perlei
arremates.
Ainda brilha?
Nunca mais.
Onde é constante a usura da brisa,
todos os liames acabam por desmanchar-se...
Crocita o corvo seus repiques
de melancolia ou sou eu o sino
dessa linguagem obscura de amor?
Falarei, outra vez
ouvirei a voz do abraço?
Nunca mais.
Restam os símbolos, mesmo
se falha a fala ou morre a língua
e o inferno torna-se real, os talismãs
sobrevivem, talvez inventos.
Sobrevivem. Não mais.
Nunca mais.
Entre tédios emparedado
meu jorro criativo sobre o busto,
palpo o invisível, o justo espaço
que me foi dado. Para lugar nenhum...
Ninho em que gero o ovo e a ave
da ausência.
Não mais inventarei quem amar,
esboço sem ajuste.
Ajustar-me, então?
Nunca mais.

Carmen Vasconcelos é poeta e estudante de direito da UFRN. É natural de Angicos, RN.

A grandeza de um pequeno Estado

José Melquíades

O Rio Grande do Norte é um pequeno Estado, mas possuidor de uma grandeza extraordinária. Vejamos alguns inusitados exemplos, na formação dos privilégios ditos sagrados e profanos ou aquilo que a história nos registra com seriedade e absoluta autenticidade. Para fortaleza da fé, temos três dioceses e para glória das letras, 4 academias bem conceituadas: a de Letras, a de Trovas, a de Medicina e a de Odontologia.

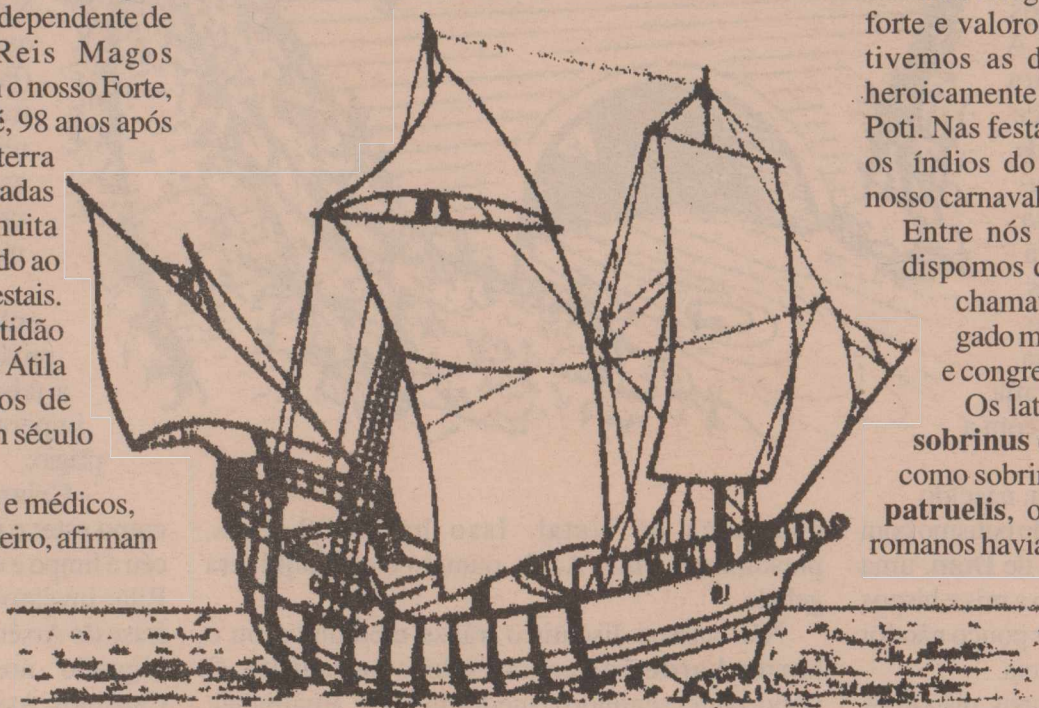
Seguimos a literatura com unhas, nervos e dentes. Somos uma terra abençoada por Deus e agraciada pelos deuses. Em todos os países católicos e ditos apostólicos, romanos, espalhados pelo globo terrestre, a beatificação ou canonização que permite o santo subir aos altares só acontece com um agraciado. A Segunda Santíssima Trindade, composta com a presença do Filho – Jesus, Maria e José – deve-se à divina missão, aqui na terra, confiada pelo Pai para remissão dos nossos pecados. Nessa sagrada sequência, aparecem os Três Reis Magos, feitos santos pela piedade popular, independente de qualquer dogma de fé. Os Reis Magos desembarcaram em Natal e habitaram o nosso Forte, em forma de retábulo, em 1598, isto é, 98 anos após a celebração da primeira missa, em terra brasileira. Das Onze Mil Virgens lideradas pela britânica Santa Úrsula faz-se muita restrição à peregrinação virginal devido ao caráter lendário que envolve aquelas vestais. Não se sabe se o martírio dessa multidão de santos foi praticado pelos hunos de Átila ou pela perversidade dos romanos de Maximiano, o que resulta mais de um século entre o vândalo e o bárbaro.

Cosme e Damião, árabes, irmãos e médicos, amigos dos pobres e inimigos do dinheiro, afirmam os hagiólogos que foram decapitados no governo de Diocleciano por ordem do desalmado procônsul Lísia, isso lá pelo ano 287. O papa São Felix IV, no ano 530, erigiu-lhes uma igreja em Roma e assim eles subiram aos altares. Por sua dedicação aos pobres e nunca lhes terem cobrado uma consulta, foram apelidados, em grego, de **anargyroi** (sem prata), os únicos médicos do mundo inimigos de dinheiro, um belo exemplo de pobreza que deve ser um repúdio à classe argentária da qual eles são legítimos patronos. Já tivemos, aqui, recentemente, uma dupla de policiais vigilantes e andarilhos crismados pelo Comando como Cosme e Damião. Ignoravam os xarás médicos da Arábia e, em vez de bisturi, usavam revólveres e cacetetes. Não eram inimigos do dinheiro, mas ganhavam pouco e nada lhes sobrava para esmolas ou ajuda aos amigos. São escorços raros, mas não são lendários. Quanto à canonização, o modelo predominante é a

beatificação de apenas um escolhido recomendado aos céus através de meticoloso exame e, ainda por cima de tudo, obedecendo a processo acompanhado do advogado do diabo. Esse acusador diabólico já vem de longe. Para depurar a paciência de Jó, consentiu o Senhor a intervenção de Satanás e entregou Jó ao seu poder – **ecce in manu tua est** (Jó 2, 6), e Jó ficou à disposição de Satanás cujo objetivo era esgotar-lhe a humildade. Aqui, na terrinha do índio Poti, em breve por cuidadoso processo teremos 30 santos e mártires beatificados de uma só vez, o que muito fortalece a nossa fé.

Em todas as Academias literárias do mundo, a disputa por uma vaga é bastante renhida. Costumeiramente, dois conspícuos competidores lutam pela sorte da imortalidade olímpica. O vitorioso prevalece-se do critério de justiça; o derrotado sente-se injustiçado. Surgem dissabores e inconformações.

Algumas Academias são exageradamente muito exigentes. Schopenhauer, por exemplo, certa vez,



concorreu ao concurso da Academia de Copenhague com seu livro *Fundamento da Moral*.

O livro estava cheio de insultos a Hegel. Foi candidato único e deixou de ser premiado. Passou a amar o seu cão sobre todas as coisas por ser o mais próximo amigo do homem.

Aqui entre nós outros, **ad lucem versus**, elegem-se 3 deles de uma só vez, no mais compreensivo processo de igualdade e imortalidade, porque cada um é único, livre e de bons costumes. Por serem únicos, não incorrem no risco da injustiça. Três posses lhes são asseguradas. No mesmo vagão, embarcam 3 sócios **honorários ad maiorem Academiae gloriam**. Nesse belíssimo exemplo de tolerância

universal, os três eleitos e os outros três escolhidos passam a gozar do mesmo encanto dos três deuses principais do

Olimpo ou das Três Graças da mitologia romana e brilham como as três estrelas da constelação de Orion, conhecidas como as Três Marias.

Nossa Academia segue fielmente o conselho de Tobias a seu filho: **quod ab alio oderis fieri tibi, vide ne aliquando alteri facias** – nunca faça aos outros o que não queres que os outros te façam. É essa a filosofia adotada pela nossa Academia de Letras, na grandeza de suas intenções e na presteza de suas adoções.

Na política, temos o clã, aquilo que no inglês medieval chamava-se **clann** e se restringia às tribos irlandesas e escocesas.

Nos tempos bíblicos, o **clã** era o mesmo que **tribo** e significava **bastão**, em hebraico **shebet**, emblema da tribo, símbolo de autoridade e comando. O cetro do rei ou o báculo do bispo. Os integralistas usavam, na lapela, a letra grega **sigma**, no sentido matemático de soma integral do produto; e o integralismo foi forte e valoroso, em nosso Estado. De tribos só tivemos as dos índios. Uma delas valorizou heroicamente o bastão de comando do guerreiro Poti. Nas festas de Momo, ainda hoje desfilam os índios do Alecrim, que servem de atração ao nosso carnaval.

Entre nós habitantes do pequenino Estado, dispomos da grei familiar, o que os romanos chamavam **grex**, no sentido de rebanho de gado miúdo. Nosso rebanho familiar é graúdo e congrega politicamente avós, pais e netos.

Os latinos faziam grande diferença entre **sobrinus** e **patruelis**, o que nós englobamos como sobrinhos. **Sobrinus** era o filho da irmã e **patruelis**, o do irmão. Nota-se que entre os romanos havia um pouco de preconceito na relação de parentesco. **Nepos**, **nepotis** era o neto. Cícero, no seu **De lege agraria**, chamou a esse **nepos** de perdulário. No Evangelho, tem igual conceito o filho pródigo – **filius vivendo**

luxuriouse.

Quanto ao nepotismo (o vínculo com o neto) três infalíveis papas o transformaram em favoritismo excessivo dispensado aos seus sobrinhos, porque **nepote** passou a ser sobrinho do Santo Padre. No livrinho chamado *Arte de Furtar*, esse nepote é reconhecido como confidente do Soberano Pontífice. A *Arte de Furtar*, se não é lido, é pelo menos muito apreciado em nosso país, porque aqui se furta com arte. E o nepotismo, em nosso Estado, aperfeiçoou-se com mais graça do que aquela concedida pelos papas e traduz os seus invejáveis privilégios.

Entre outras maravilhas, Natal ainda goza da reputação de possuir o melhor clima do mundo. Possui também a fama de ser o Estado onde mais se

rouba bancos, o que permite aos assaltantes o privilégio pela facilidade da rapina. O que antes era violência, hoje se registra como simples ocorrência. A Segunda Grande Guerra abalou o mundo. As batalhas ocorreram muito distante do nosso Cabugi ou dos estrondos de Baixa Verde. Duas mil léguas longe daqui aconteceu o Dia D, houve a pacificação pela invenção do armistício e, finalmente, a assinatura da rendição do Japão, lá pela baía de Tóquio.

Antes disso, o Presidente americano se dignou conferenciar pacificamente com o nosso Presidente brasileiro, aqui no estuário do Potengi amado. No auge da guerra, desfilaram, pelas ruas de Natal, personalidades ilustres oriundas de outros países: generais, príncipes e estrelas da constelação de Hollywood. Terminada a guerra, coube a Natal a glória inusitada de ter sido o Trampolim da Vitória, o teatro de hostilidades mais pacífico do universo, no qual jamais se viu um exército em marcha belicosa ou se ouviu um tiro de canhão, a não ser a festiva salva de tiro reservada ao general, o que se chama **tiro de festim** e só serve para assustar crianças e abalar os nervos dos velhos.

Festim é uma palavra tão miúda que até lembra chumbo de espingarda na caça de arribação, o que também é um privilégio reservado à nossa macambira e seria bem mais proveitoso se não houvesse a intervenção do IBAMA. Do nosso Trampolim da Vitória fez-se um filme "for all" - para todos. Nenhum relacionamento com forró. A invasão holandesa concorreu para fertilizar o viveiro de mártires e de santos. Durante aqueles longos anos de ocupação, nosso estado assemelhou-se à Roma de Vespasiano e a nossa capital chamou-se garbosamente Nova Amsterdã. É pena que os invasores não tivessem imposto o idioma batavo para maior engrandecimento de nossa cultura lingüística e de nossa hagiografia no rastro dos bolandistas ocupados com a **Acta Sanctorum**.

O nosso índio Poti, herói de raça, nascido ali em Aldeia Velha, recebeu a graça do batismo com o santo nome de Antônio e o título de **Dom**, uma distinção de tratamento só concedido a reis e bispos entre Espanha, Portugal e Brasil. Por pouco não foi santificado para honra e glória da aldeia.

Num Estado castigado pelas estiagens, dispomos da maior barragem do mundo, o que deixou a Assuã arrazada. Em 1991, tivemos a divina graça de recebermos cristamente o legítimo representante de São Pedro, que veio direto do Vaticano encerrar, aqui em Natal, o XII Congresso Eucarístico Nacional. E por último, ainda usufruirmos do **Carnatal**, no que somos genuinamente criadores, competindo momescamente com o outro de Sapucaí. Isso nos permite a feliz oportunidade de ensaiarmos a batalha de confeti e brincarmos irresponsavelmente 2 vezes por ano durante 2 semanas consecutivas, o que nos cabe 15 dias de festas intermitentes. Como a folia foi criação nossa e já se espalhou por outros Estados e municípios, já nos obrigamos cobrar direitos autorais.

Em matéria de botânica, possuímos o maior

cajueiro do mundo. Nas arrojadas navegações e descobrimentos de terras longínquas, recebemos a visita de Américo Vespúcio que em junho de 1499 velejou pelo delta do Açu em cujas margens fundou feitorias. Isso pelo menos é o que nos dizem alguns historiadores inventivos.

Já agora somos responsáveis pelo descobrimento do Brasil. A carta de Pero Vaz foi erroneamente datada na ilha de Vera Cruz, porque Porto Seguro é o Cabo de São Roque, onde Cabral desembarcou, em 1500. A primeira missa celebrada em terra firme foi diante dos primitivos potiguares e Jorge Dosoio foi transferido de Sam Thomé para Touros. O Cabugi de Aluizio Alves é o monte Pascoal avistado por Cabral. Não é maravilhoso?!

Recentemente, um respeitável medium, com experiência "na vida passada", o que ele chama de "pretérito espiritual", em entrevista ao suplemento *Podium* (07.09.98), disse que, na Praia de Natal existiu uma "Base dos Atlantas" chamada **Atlan**,



anagrama de Natal. Isso há 1.500 anos, presumivelmente A. C., quando o mar aqui era gelado.

Não vamos discutir o transe mediúnico ou o **karma kardecista** envolvendo o **perispírito**. O importante, segundo o medium, é que atualmente "encontra-se reencarnado aqui em Natal a maioria dos discípulos que seguiram Jesus, no seu ministério". Para engrandecimento da cidade isso nos basta.

Essa visão mediúnica não é só privilégio seu, é também nosso privilégio ter essas santas criaturas vivendo entre nós outros tão distanciados da pregação de Jesus. Ora, Jesus, depois da ressurreição, na aldeia de Emaús, apareceu a 2 discípulos incrédulos. Aqui em Natal temos uma outra Emaús, onde fica A Morada da Paz. Nessa morada silenciosa, em breve, depois de sepultada, reflorescerá uma nova imortalidade acadêmica, em forma de **quillismo**. Aquilo que estava previsto para o ano 1000, em Jerusalém, com a vinda de Jesus, poderá acontecer em 2001, em Natal, na aldeia de

Emaús, em Parnamirim, que será o segundo Trampolim da Vitória. Em breve teremos lá inaugurada a Academia dos Renascidos.

Por outro lado, no setor cultural, Natal é a cidade que lança mais livros no mundo, em todos os gêneros literários, às vezes até dois livros por mês o ano inteiro. Quem sabe se o autor do *Paraíso Perdido* também não está reencarnado entre nossos bons intelectuais reorganizado seu segundo *Pandemonium*, o que será um achado.

Com estas mudanças no curso da história favorecendo e engrandecendo nosso pequenino Rio Grande, fica também provado que o barão de Munchhausen nasceu em Natal e não em Hanover e privou da amizade do barão da Redinha, **ad majorem terrae gloriam**.

Se Jesus um dia voltar à terra, estou certo de que virá para Natal. Aqui jamais será crucificado e viverá em paz entre os ladrões. Os poucos judeus que migraram para cá ainda não tiveram tempo de erigir um sinédrio (em Pretório nem se fala) por conseguinte estaremos sempre livres de Anás, Caifás e Herodes; e que Pilatos permaneça lá no Credo onde o colocou Santo Atanásio para ser lembrado nas missas dominicais. Esqueçamos Judas. Presumivelmente, segundo as tradições do século IV, foi a Fortaleza Antônio, em Jerusalém, que serviu de Pretório ou Tribunal onde Jesus foi julgado. Aqui em Natal temos a Fortaleza dos Reis Magos, que também tem a forma de estrela (Pentágono dos Magos) e para lá, na tradição da estrela de Belém, Dom José, rei de Portugal, nos mandou, em 1755, as três imagens dos Reis Magos, outro privilégio da cidade presépio. Que queres mais?

Deixemo-nos embalar nesse doce enlevo de vida alegre e gozemos dos privilégios que Deus se dignou reservar para a taba de Poti. Hoje já podemos repetir imperativamente sem nenhum exagero de plágio:

- Criança! ... não verás Estado nenhum como este; e não fiques aí a ouvir estrelas. Nosso céu é limpo e estrela não é sino que se ouça. Quando Bilac inventou de ouvi-las estava surrupiando uma frase de Arsène Houssaye, que as ouviu antes dele, segundo nos revela Agrippino Grieco: Rafael Cansinos Asséns, citado por Jorge Luis Borges, gabava-se de estudar as estrelas em 14 idiomas. Muito antes dele, o capitão inglês Francis Burton, tradutor de *As Mil e Uma Noites*, deixando seu povo familiarizado com os 40 ladrões das *Noites Árábicas*, arrogantemente, dizia que sonhava com as estrelas em 17 idiomas. Ambos eram astrólogos sonhadores. Nossos poetas de cá, por mais inspirados, não chegaram a tanto. Olham as estrelas sem ouvi-las nem contá-las; e em plácido silêncio perdem-se no mundo da lua, o que é outro encanto da terrinha querida.

- Criança! ... não verás Estado nenhum como este ... Ora você veja só! ...

José Melquíades de Macedo é professor aposentado da UFRN, escritor e romancista.

O GALO

NATAL-RN

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA

I Encontro com a Literatura Nordestina



Letras controversas

Tácito Costa

Durante três dias, 16 a 18 de junho, a produção literária nordestina foi intensamente discutida em Natal durante o 1º Encontro com a Literatura do Nordeste, promovido pela Fundação José Augusto Hotel e que reuniu escritores, poetas e intelectuais do Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba e Pernambuco. Palestrantes de altíssimo nível e platéias que não ficavam atrás, possibilitaram ricos debates sobre a Literatura nordestina. Como não poderia deixar de ser, essas discussões acabavam resvalando para o contexto mais amplo da Literatura brasileira.

Se tínhamos entre os palestrantes intelectuais como Odilon Ribeiro Coutinho, Vicente Serejo, Hildeberto Barbosa, Tarcísio Gurgel, Sérgio Tufic, Marcus Aciolly e

mediadores da categoria de um Paulo de Tarso Correia de Melo, na platéia estavam, por exemplo Moacyr Cirne, Diva Cunha, Nilson Patriota, Celso da Silveira, Hudson Paulo, Luís Carlos Guimarães e Dácio Galvão, para só citar alguns.

Faltaram os estudantes e os professores dos cursos de Letras da cidade. Nada de surpreendente nisso. Esse pessoal detesta mesmo Literatura. Quem diz não sou eu, mas quem tem conhecimento de causa. Está gravado - porque o encontro foi todo gravado - o que disse o poeta, crítico, professor e doutor em Literatura da UFPB Hildeberto Barbosa: "Quem menos gosta de Literatura são os professores dos cursos de Letras das universidades. Não queria dizer isso mas é a verdade".

Disse mais Hildeberto, que deu uma

verdadeira aula sobre crítica literária. "O lugar da crítica literária não é a universidade, que infelizmente deixou de ser um lugar público". E o que pior: a produção acadêmica é feita para iniciados. Só uns poucos conseguem decifrar. "A produção desse pessoal parece logaritmos", disse o poeta paraibano, chamando atenção para o fato da crítica mais conservadora estar alojada hoje nos cursos de Letras.

Não menos preocupante e que também motivou discussões foi o alheamento da imprensa sobre o Encontro. A TV não apareceu. Devido às peculiaridades e a história - sempre voltada para o entretenimento, o espetáculo e Literatura é coisa séria - desse meio até que não causou espanto essa ausência. Mas os jornais impressos, que sempre mantiveram um diálogo vital com a Literatura,

a omissão realmente causou estupefação. E logo os jornais impressos, que se queixam de que estão perdendo leitores, não poderiam deixar de dar total prioridade a um encontro dessa envergadura. Até por uma questão de sobrevivência. Porque mais leitores para Literatura, significa leitores também para os jornais. Uma mão ajuda a outra. Para não ser corporativo é necessário reconhecer: os jornalistas (que não deram as caras no Encontro) também não são lá muito chegados aos livros. As exceções, tanto em Jornalismo quanto em Letras, apenas confirmam a regra.

Bom, mas deixemos esses detalhes e voltemos ao Encontro, que é o que interessa. Começando pela palestra de Odilon, que com rara erudição passeou pela obra de Gilberto Freyre, principalmente Casa Grande & Senzala. Odilon demonstrou a importância da obra, seu caráter de vanguarda e ousadia, quando foi na contracorrente de um certo pensamento racista que ocupava grande espaço no início do século e que teve importantes seguidores no Brasil, como o escritor Euclides da Cunha, em seu livro “Os Sertões”.

Se não bastasse a brilhante palestra, ainda ouvimos a declaração de amor de Odilon ao RN. ““Não amo o Estado do meu nascimento como amo o Estado do meu coração”, disse o paraibano de nascimento e norte-rio-grandense de coração, mas fazendo questão de frisar: “somos antes de tudo nordestinos”.

Quem foi ao encontro pensando que iria ouvir Vicente Serejo fazer uma “crônica” leve sobre a Crônica, saiu de lá PHd no assunto. Em cerca de uma hora, Serejo explicou a origem da crônica, falou dos primeiros cronistas brasileiros e potiguares e verdadeiro bálsamo para os ouvidos: reproduziu em CD algumas crônicas escritas no início do século narradas por Carlos Lacerda. Serejo lembrou da discriminação sofrida pelo gênero, que somente ganhou reconhecimento depois que o mestre Antônio Cândido o colocou como produção literária de valor.

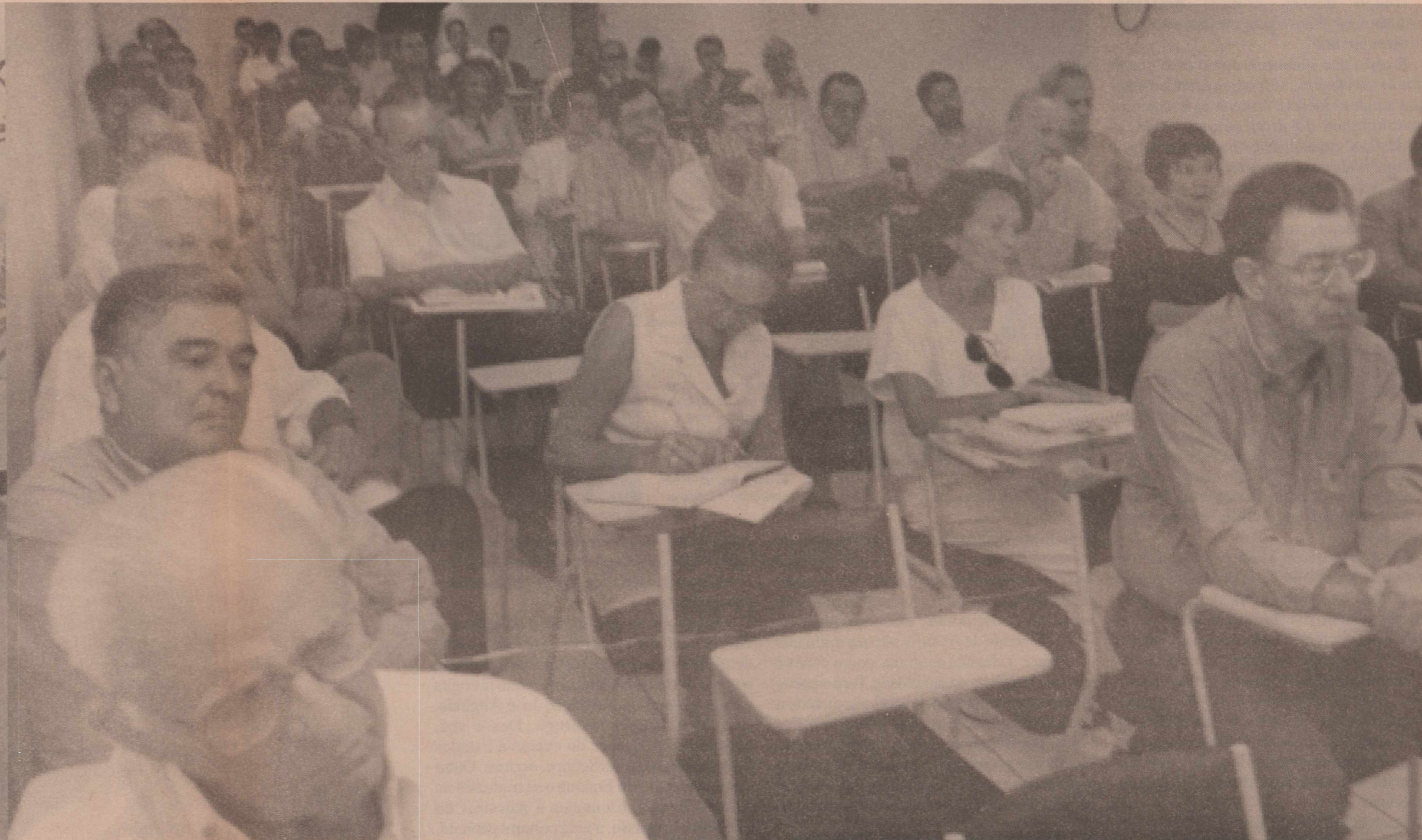
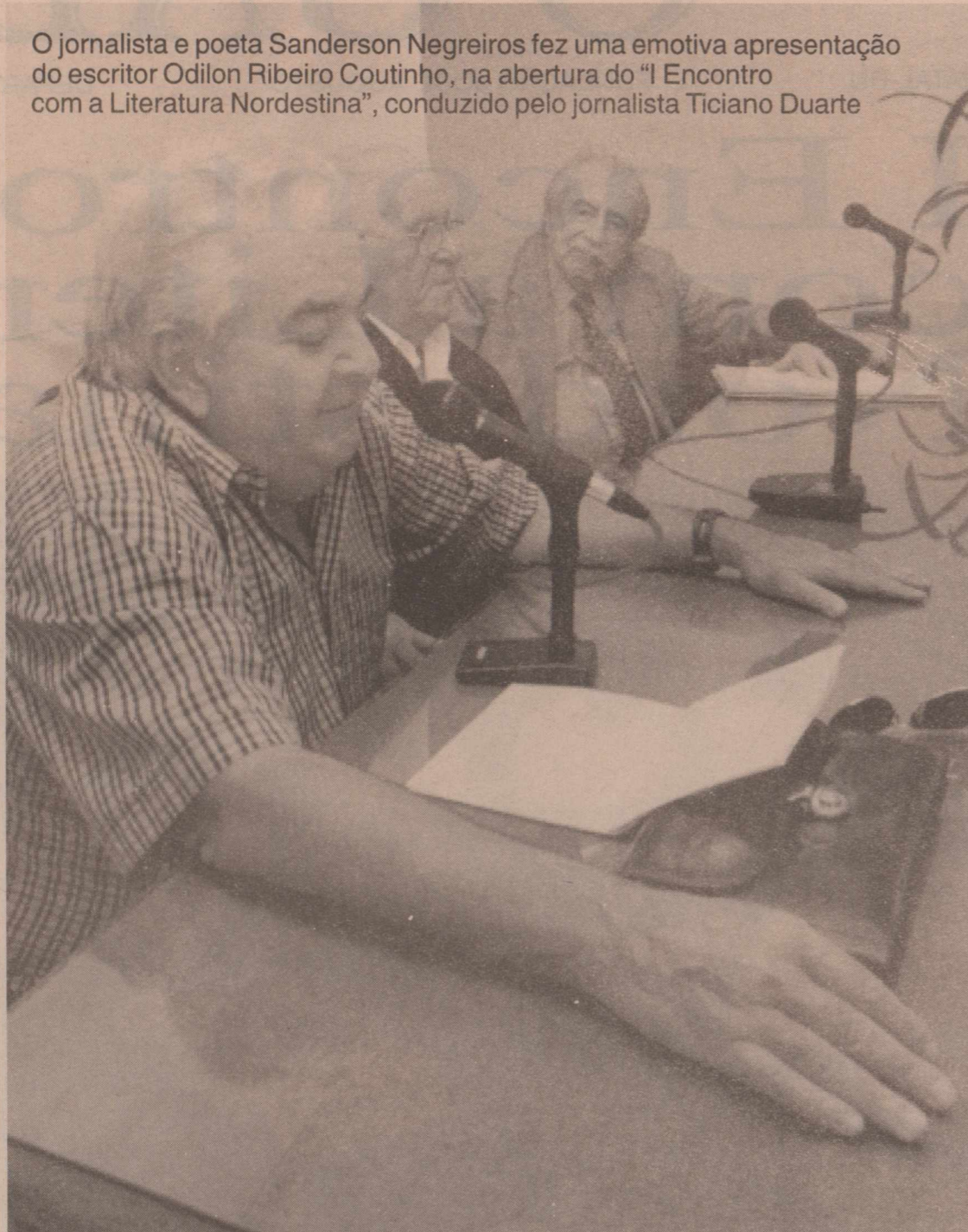
Esse Encontro teve momentos de epifanias - perdoem o palavrão. A reprodução dessas crônicas gravadas na voz de Carlos Lacerda com certeza estão entre eles. Como também a leitura de trechos da obra de Francisco J. C. Dantas por Tarcísio Gurgel.

Da crônica para o romance, com Tarcísio Gurgel, coadjuvado por Humberto Hermenegildo. “O romance nordestino regionalista se funda numa tradição oral”, disse Tarcísio, que abordou as obras de Ariano, Eulício de Farias, José Alcides Pinto, Juarez Barroso, Guimarães Rosa, Francisco J. C. Dantas e João Ubaldo, entre outros.

Tarcísio, que juntamente com Hermegildo, considera Francisco Dantas, o mais importante escritor nordestino da década de noventa, leu alguns trechos do livro “Coivara da Memória, primeira obra do escritor sergipano.

Foi a palestra que provocou a discussão

O jornalista e poeta Sanderson Negreiros fez uma emotiva apresentação do escritor Odilon Ribeiro Coutinho, na abertura do “I Encontro com a Literatura Nordestina”, conduzido pelo jornalista Ticiano Duarte



mais interessante, contrapondo o que seria uma Literatura regional, nordestina, de uma Literatura nacional. A questão levantada durante a palestra é se o rótulo de “regionalista” não é empobrecedor e, mais perigoso, pejorativo. Se não seria melhor abandonar esse rótulo e falarmos simplesmente em Literatura brasileira. Foi lembrado que nesse contexto, Guimarães Rosa seria “regional”, mas antes de tudo universal.

Penso que ficou mais ou menos acertado que é melhor não darmos tanta ênfase ao rótulo de “regionalista”, porque se o livro realmente tiver valor, ele será antes de tudo universal, porque como escreveu Tolstoi, você pode ser universal sem sair da sua aldeia.

Do Ceará veio o poeta Jorge Tufic (que figura humana fantástica!), ganhador do último Prêmio de Poesia Ascenso Ferreira, promovido pela Prefeitura do Recife, que nos brindou com a história do movimento da “padaria espiritual”, que tinha no jornal cultural “O Pão” seu principal propagador. Mantido

por meia dúzia de abnegados, “O Pão” durou até o início deste ano, quando teve de deixar de circular por falta de recursos para a impressão.

Coube ao bardo Marcus Aciolly falar sobre a poesia nordestina e encerrar o encontro. E aí meus caros leitores, foi viagem pura. Que memória tem esse pernambucano! Foi de Rimbaud a Cego Aderaldo, passando por T. S. Eliot, Drummond, Bandeira, Maiakovski, João Cabral e Augusto dos Anjos. Recitou poemas inteiros, de cabeça, de Augusto dos Anjos e João Cabral.

Falou de vanguardas, pós modernismo, contemporaneidade e tradição. “A vanguarda e a ruptura são partes da tradição”. Perguntado sobre os rumos da poesia disse: “vamos desembocar num novo renascimento neste próximo século”. Esperamos, poeta, esperamos, porque do jeito que a coisa está, é que não pode continuar.

Tácito Costa é jornalista e crítico literário

Por uma literatura solidária

Nelson Patriota

Sob todos os aspectos, o I Encontro com a Literatura Nordestina, promovido pela Fundação José Augusto entre os dias 16 e 18 de junho, no Natal Center Hotel, se constituiu num sucesso que pareceu não ter sido antecipado por alguns segmentos da vida cultural natalense. A ausência de professores e alunos dos cursos de Letras das universidades privada e federal, excetuados os professores convidados como palestrantes, foi, talvez, o maior escândalo cultural da temporada. Mas nada disso chega a ser novidade, haja vista que encontros promovidos o ano passado, no sacrossanto recinto da Biblioteca Central Zila Mamede, dentro da própria Universidade Federal do Rio Grande do Norte, não conseguiram atrair uma platéia

superior a 20 pessoas, em suas diversas edições, e sem contar com um só professor ou aluno do curso de Letras da UFRN! E isso, apesar da presença de palestrantes como um Edson Nery da Fonseca, maior autoridade, hoje, na vida e obra de Gilberto Freyre, ou de um Hildeberto Barbosa Filho, um dos principais nomes da crítica literária nordestina, além de autor de uma obra poética que o coloca numa posição de destaque no cenário regional. Surpresa?

A resposta a essa inquietante situação foi dada pelo professor Marcus Accioly, em entrevista a este periódico no ano passado. Simples e direto, sentenciou: “os professores de Letras não gostam de literatura”. Seu colega paraibano, Hildeberto Barbosa Filho, reiterou-a com sua habitual precisão crítica para uma atônita platéia do I Encontro com a Literatura

Nordestina. Tal nódoa não compromete só os cursos acadêmicos. Muitos intelectuais natalenses parece que sofrem de algum complexo de onipotência, decorrência, talvez, da convicção de que vivemos no fim da história, e assim, de pouco valeria se dar o trabalho de tentar aprender algo. Sobre tudo quando já sabem tanto!

E se faltaram intelectuais, alunos e professores de Letras, sobrou participação por parte do público que prestigiou o Encontro, animado pela certeza de que estava diante de evento de que a cidade se ressentia há anos. De fato, quando foi a última vez que Jorge Tufic, Hildeberto Barbosa Filho, L. C. Guimarães Odilon Ribeiro Coutinho, Vicente Serejo, Paulo de Tarso Correia de Melo, Tarcísio Gurgel, Franco Jasiello, Marcus Accioly e Humberto Hermenegildo, ou ao menos uma

fração desses nomes, puderam confraternizar juntos o prazer de discutir o fazer e o dizer literário?

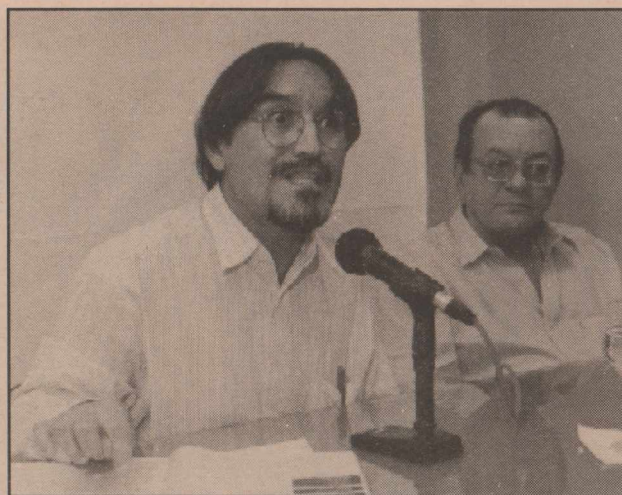
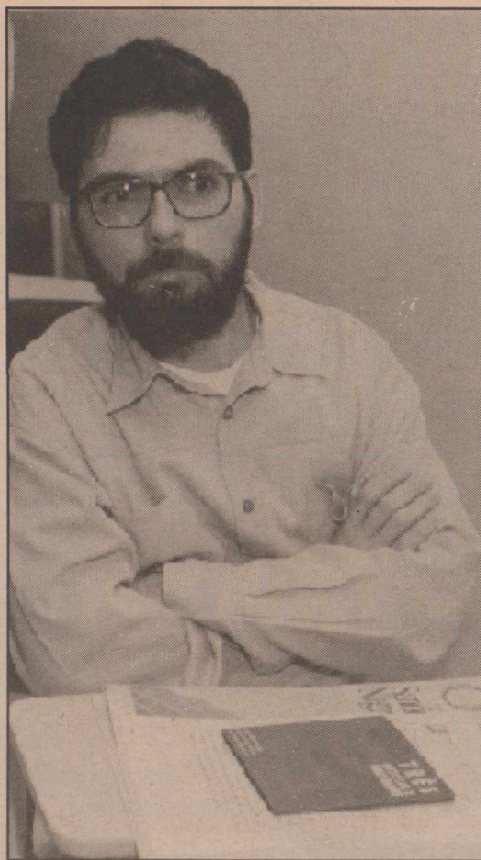
É certo que encontros como esse fazem falta à vida literária. Até porque é fundamental para arejar as idéias e renovar os horizontes provincianos do arquipélago literário nordestino, cujas ilhas estão separadas por distâncias abissais, como tão bem sabemos. Como dar conta desse paradoxo, porém, foi um desafio que só agora, à proximidade da virada do século, começamos a equacionar a partir de um enfoque regional.

Mas quando um orador da estatura intelectual de um Odilon Ribeiro Coutinho resume dezenas de anos de estudos dedicados à obra de Gilberto Freire e traça a trajetória evolutiva desse pensamento para a historiografia brasileira, rum remate espetacular de síntese aliada à precisão vernacular, qualquer platéia sensível aos apelos da inteligência se dobra em profunda gratidão. O esforço de pensamento que estava contido ali, naquelas poucas páginas lidas a ritmo compassado pelo velho mestre, compensava-se na recepção da platéia, extasiada e agradecida.

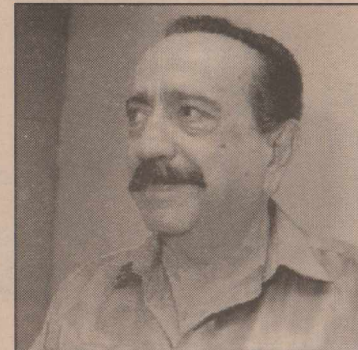
Comportamento idêntico sucedeu à palestra de Vicente Serejo abordando a gênese da crônica brasileira, com incursões pelo gênero em nosso Estado, apesar de reforçar o que há nela de efêmero. Mais uma vez, valeu a precisão suíça da retórica do experiente jornalista que não temeu inovar seu *master class* com recursos de áudio de grande impacto: a leitura de crônicas exemplares na voz de Carlos Lacerda, desbotando um pouco a imagem estereotipada do velho político udenista em benefício do seu *alter ego* intelectual.

Ou ainda Tarcísio Gurgel discorrendo sobre os rumos do romance nordestino e colocando entre os seus grandes nomes o paraibano/potiguar Eulício Farias de Lacerda, com seu *O rio da noite verde*, ao lado de um Francisco Dantas, de um Juarez Barroso e de uma Rachel de Queiroz. O professor Humberto Hermenegildo, outro expert na matéria, deu informações valiosas à sua compreensão, como costuma fazer sempre que é solicitado, incluindo-se, portanto, naquele grupo de professores que contraria a regra exarada por Marcus Accioly e Hildeberto Barbosa Filho.

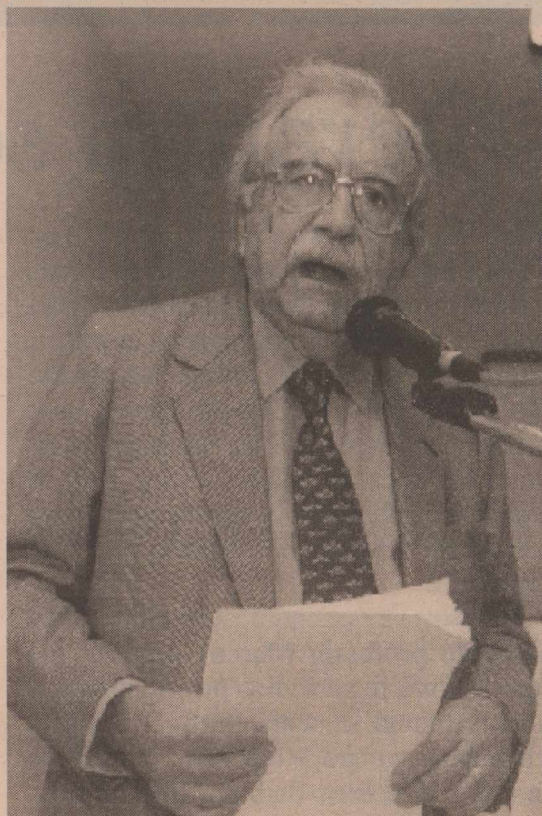
Mas seria injusto eleger como destaques essas duas palestras entre as sete que animaram o I Encontro com a Literatura Nordestina. Hildeberto Barbosa Filho, Tarcísio Gurgel, Marcus Accioly e Jorge Tufic não foram menos convincentes em suas intervenções à mesa do que seus colegas Odilon Ribeiro Coutinho e Vicente Serejo. Com isso, queremos tão-somente enfatizar o alto nível do Encontro, mérito que, para ser justo, deve ser extensivo à platéia, sobremaneira na rica discussão que animou os debates em torno dos rumos da literatura brasileira em tempos finisseculares,



Hildeberto Barbosa Filho e Paulo de Tarso Correia de Melo (acima), Carlos Newton Jr., (à esquerda) e Jorge Tufic (à direita) foram alguns dos palestrantes do I Encontro Com a Literatura Nordestina, evento que deve ser repetido este ano



sem fugir à alternância do clássico e do romântico, como bem frisou o poeta Franco Jasiello, então mediador da palestra do poeta pernambucano Marcus Accioly. E rematou: nossa época oscila entre esses dois gêneros. A objetividade de Accioly não permitiu que ele fugisse à clássica pergunta: como você vê a poesia brasileira da atualidade. Para o poeta, vivemos em tempos melancólicos, quando a poesia virou prosa, e a prosa, jornalismo. Fez votos, porém, que esse seja um fenômeno localizado no tempo, e passível de radical metamorfose no século próximo. Para melhor, isto é, retornando às fontes épicas, homéricas,

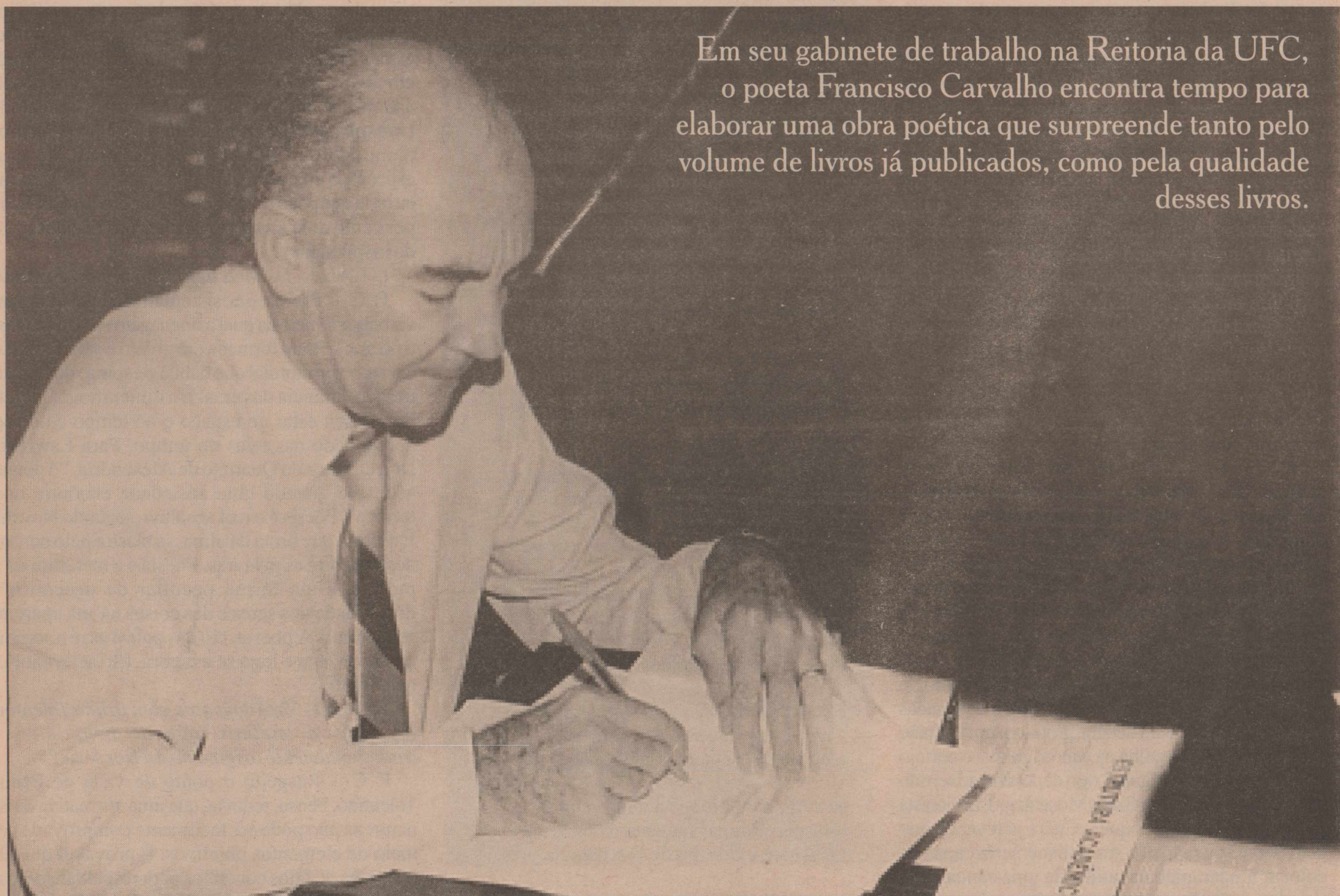


Odilon Ribeiro Coutinho empolgou os convidados do Encontro com a sua palestra

camonianas. Tendência para a qual ele próprio trabalha há vários anos, na elaboração de um longo poema épico que espera publicar até o próximo ano.

Revestiu-se de tal êxito o I Encontro com a Literatura Nordestina que não seria despropositado que um segundo evento desse porte aconteça ainda este ano, como já cogita o diretor-geral da Fundação José Augusto, jornalista Woden Madruga. Dessa vez, expandindo o alcance do evento a Estados como Bahia, Alagoas, Sergipe, e outros. Outro desdobramento do Encontro se traduzirá na publicação das discussões e palestras do Encontro. Com isso, a vida cultural ganhará, no mínimo, projeção regional. E isto é o mínimo que se pode desejar no ano de comemoração do quarto centenário da Cidade do Natal. E além disso, insere-se dentro de uma tendência que encontra corpo em vários Estados nordestinos. Lembremos, em passant, o Encontro sobre Cultura Nordestina, uma das oficinas da III Feira Internacional do Livro de Fortaleza, que aconteceu no ano passado, e ainda o seminário promovido pelo jornal A União, da Paraíba, em torno dos 50 anos de fundação do suplemento literário de "Correio das Artes", publicação mensal do jornal "A União". A hora é propícia, portanto, para a discussão e o aprofundamento de questões ligadas ao fazer literário no contexto regional. O Rio Grande do Norte, através da realização do I Encontro com a Literatura Nordestina, integra-se a essa tendência e colabora para que o debate se revigore e multiplique seu alcance que, reputamos, é de importância vital para a sustentação de um romance de características próprias que transcenda o rótulo do regional e se afirme em âmbito nacional por suas qualidades intrínsecas, principalmente

Francisco Carvalho



Em seu gabinete de trabalho na Reitoria da UFC, o poeta Francisco Carvalho encontra tempo para elaborar uma obra poética que surpreende tanto pelo volume de livros já publicados, como pela qualidade desses livros.

“A poesia é um exercício de liberdade”

O GALO - A poesia significa para você uma maldição ou um passaporte para o paraíso?

FRANCISCO CARVALHO - Nem significa maldição nem constitui “um passaporte para o paraíso”. Até porque, a esta altura da vida, a gente começa a duvidar da existência de paraísos que não sejam os famigerados “paraísos fiscais”, frequentados por gregos e tucanos. Esses edens terrenos, cercados de maracutaías por todos os lados, são inacessíveis aos poetas, pessoas sabidamente ricas de imaginação mas franciscanamente pobres de haveres materiais. Em compensação, tais paraísos são visitados regularmente por figurões de alta linhagem, que ali vão depositar fortunas subtraídas dos salários dos trabalhadores e aposentados. Voltando à vaca-fria:

a poesia, para mim, é antes de tudo um exercício de liberdade do corpo e da alma. Uma busca de aprimoramento das possibilidades lúdicas da linguagem. Algo semelhante a uma sucessão de movimentos destinados a fortalecer o ritmo das batidas cardíacas.

O GALO - Você aprecia, em particular, algum livro de sua autoria?

F. C. - Tenho preferência por determinados poemas, mas não por alguns dos meus livros, em particular. Meus primeiros livros de poemas (em menor escala os mais recentes) apresentam numerosos defeitos, e esse fato já seria suficiente para não os considerar sem as devidas ressalvas. Assumo humildemente os meus desacertos (os de ontem e os

de hoje), a minha incapacidade de assimilar corretamente valores e postulados estéticos indispensáveis à construção de um legado poético de melhor nível e, sobretudo, de maior coerência formal.

O GALO - Como você encara o ato de escrever poesia?

F. C. - O ato de escrever poesia eu não encaro como uma forma de ludoterapia, embora não me passe pela cabeça a idéia de censurar aqueles que eventualmente se divertem com jogos de palavras. Nada contra os chamados poemas visuais, que indutivamente têm a sua beleza peculiar. Na medida em que esses poemas criam expectativas sensoriais, é lícito supor que eles cumprem uma função estética.

O ato de escrever poesia é, talvez, o impulso mais honesto do homem, principalmente pela gratuidade de que se reveste. Acredito que nenhuma pessoa, ao escrever um poema, estará cogitando de aumentar o seu patrimônio material. O poema é uma espécie de tabuleiro de xadrez onde se movem palavras em lugar de torres e cavalos. Com a diferença de que no poema só existe um único jogador, pronto para ganhar ou perder. Poderia acrescentar que o ato de escrever poesia, por ser essencialmente uma atividade de recriação, coloca o poeta na posição privilegiada de ser aquele, dentre os mortais, que dá nome às coisas. Para Jean Cocteau, o poeta, até quando mente, diz sempre a verdade. O poeta pode ser um fingidor, como insinua Fernando Pessoa, mas o seu fingimento está repleto de expectativas mágicas. Visto que estamos falando de poesia, nada mais oportuno do que transcrever aqui estas sábias palavras do nosso Mário Quintana: "Ser poeta não é dizer grandes coisas, mas ter uma voz reconhecível dentre todas as outras". Isso mesmo. O poeta cuja voz não ultrapasse os limites da medianidade, esse poeta e sua voz jamais serão reconhecíveis no meio da multidão.

O GALO - Você é essencialmente um poeta; algum dia se sentiu atraído pela prosa: um romance, uma peça de teatro etc.

F. C. - Eventualmente, em algum lugar do passado, fui seduzido pela magia do conto moderno, que possui evidentes formas de parentesco com a anatomia do poema. Cheguei a fazer algumas tentativas nos domínios da estória curta. Logo, porém, me dei conta de que seria pior contista do que poeta. Numa das minhas primeiras investidas na seara da ficção, pretendi contar a estória de um enterro noturno, cuja ação se passava num tempo de cheia, supostamente provocada pelo transbordamento do rio Jaguaribe. Descrevi o fato com tintas carregadas e acrescentei à cena um detalhe grotesco: um lampião a gás, suspenso da quilha da canoa, guiava o cortejo sinistro no meio das águas. Logo depois fui advertido por um amigo, Joaquim Braga Montenegro, ficcionista dos mais competentes que o Ceará já teve, de que nem o mais ousado dos surrealistas seria capaz de colocar um lampião na quilha de uma canoa, pela simples razão de que essa parte das embarcações fica submersa na água. A partir desse momento as minhas pretensões de ser ficcionista foram literalmente para o brejo.

O GALO - Você se sente ou se sentiu influenciado por algum poeta?

F. C. - Seria fastidioso enumerar os poetas que me influenciaram ao longo da vida. Quando a gente começa a escrever poesia nos verdes anos, todo mundo imita todo mundo. Quando se é jovem, ou quando a individualidade literária de um poeta não assumiu ainda os seus contornos definitivos, começa uma procura obstinada de modelos - e é justamente nesse ponto, ou nessa encruzilhada, que os poetas de alto voo imprimem sua marca poderosa na escrita vacilante dos neófitos. Posso afirmar que fui condoreiro com Castro Alves, romântico com Álvares de Azevedo, simbolista com Cruz e Sousa, parnasiano com Olavo Bilac. Imiti o lirismo ingênuo de Casimiro de Abreu e outros visionários de igual estatura e ainda tive a audácia de cortejar poetas

SONETOS A UNS OLHOS DE RESSACA

Francisco Carvalho

Oh! Flor do céu! Flor cândida e pura!
Pura em repouso, pura em movimento.
O deus que assoma em tua formosura
é um deus que move o espírito e o vento.

Rosa ofertada à argila do momento,
Visão do amor vinda de ignota alvura.
Não te adivinho o alado pensamento
sem que não arda ao lume da ventura.

O destino, incansável fiandeira,
tece o linho do amor da mesma trama
com que ponteia as dobras da mortalha.

Entre os fanais da hora verdadeira,
busca-se ainda o corpo que se ama.
Perde-se a vida, ganha-se a batalha.

II

Oh! Flor do céu! Flor cândida e pura!
Eu quero a flor da terra e não dos astros.
Ver-te a nudez abaixo da cintura,
sentir o odor de relva dos teus rastros.

Quero inundar-te com meu vinho branco,
morder teus seios, devassar as coxas.
Plantar uma touceira de agapanto
no teu jardim de digitalis roxas.

Bebe-se o amor numa ânfora de limo.
Chegada a primavera dos gametas,
meu cio de centauro te estraçalha.

Já trema a luz em seu dourado cimo.
Lençóis e aromas sangram nas gavetas.
Ganha-se a vida, perde-se a batalha.

mais requintados, como é o caso de Augusto dos Anjos e Manuel Bandeira. Respondendo objetivamente à pergunta: os poetas que exerceram maior influência em minha poesia, sobretudo a partir dos quarenta anos, foram os seguintes: Camões, Fernando Pessoa, Cesário Verde, Antônio Nobre, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Saint-John Perse, Jorge Luis Borges, Garcia Local, etc., etc.

O GALO - Relacione seu poeta preferido: no Ceará, no Brasil, no mundo.

F. C. - Essa é uma questão complicada. Não gostaria de citar nomes. Há sempre o risco de omissões imperdoáveis. Admiro vários poetas do Ceará e do Brasil, entre vivos e mortos. Inclusive alguns excelentes poetas cearenses que passaram a residir em outros Estados, onde são reconhecidos como figuras de primeiro plano da moderna literatura brasileira. Já na esfera mundial, onde pontificam algumas estrelas de primeira grandeza, o poeta de minha predileção é o mexicano Octavio Paz.

O GALO - Qual é o percentual de inspiração e transpiração em sua poesia?

F. C. - A inspiração é um estado de espírito, mas pode ser também uma predisposição de origem orgânica. Algo que se manifesta não apenas em relação ao ofício de escrever. Um pedreiro pode sentir os efeitos da inspiração no momento em que coloca a argamassa e o tijolo numa parede. O sapateiro, o alfaiate, o pintor de paredes, o coveiro, o trapezista, o domador de feras, o palhaço - toda essa fauna humana pode ser visitada pela inspiração em algum momento de suas vidas marcadas pelo estigma da horizontalidade. Mas, com certeza, é a **transpiração** que lhes assegura a sobrevivência e a plenitude da realização profissional. No caso específico do poeta, pastor de sonhos e de palavras, eu diria que pode ocorrer a seguinte hipótese: noventa por cento de **transpiração** e apenas dez por cento de **inspiração**.

O GALO - Dê uma definição breve de poesia.

F. C. - Poesia é a sistematização de códigos verbais por meio da qual a linguagem escrita (no caso do poema) é transformada em objeto estético. Poesia é o verbo primordial que habita o espírito do homem desde a infância das eras. É a dimensão mágica do Ser. O seu estar no espaço e no tempo e não ser aprisionado nas teias do tempo. Para Lawrence Durrell, autor do Quarteto de Alexandria, "o poema acontece quando uma ansiedade encontra uma técnica". Poesia é o real absoluto, segundo Novalis. É o ritmo que brota da alma, se alastra pelo corpo e desliza entre as palavras. Poesia é a metáfora de si mesma. Uma forma peculiar de descobrir a diversidade dos seres e das coisas na sua aparente monotonia. A poesia, cio das palavras, é a sombra que nos visita e logo se evapora. (Só se evapora o que é real).

O GALO - Você concorda com Bruno Tolentino em que a melhor poesia brasileira é tradicionalmente originária do Nordeste?

F. C. - Respeito o ponto de vista de Bruno Tolentino. Penso, todavia, que uma afirmativa dessa natureza não pode ser facilmente comprovada por meio de elementos objetivos. É provável que ele disponha de fatos concretos para respaldar sua tese - e aí a coisa muda de figura. Na condição de poeta nordestino, fico um pouco sem jeito para concordar com a afirmativa do poeta porque, se o fizesse, me colocaria na situação de um figurante que se aplaudisse a si mesmo.

O GALO - Na atualidade, onde se faz a melhor poesia brasileira?

F. C. - Essa pergunta, pela sua complexidade, não pode ser respondida de maneira simplista. Por trás disso tudo existe uma série de fatores: de ordem política, econômica, geográfica, social e cultural. Cada uma das micro-regiões do País tem as suas peculiaridades, as suas tradições, os seus atavismos e até mesmo as suas idiossincrasias semânticas. Cada uma delas tem o seu imaginário, a sua voz, os seus desenhos gestuais, os seus intervalos de luz e sombra. E tudo isso precisa ser levado em conta na hora de se fazer uma avaliação cuidadosa a respeito do assunto. Não basta que falemos o mesmo idioma, que tenhamos herdado o mesmo legado de nostalgias do lirismo português. Somos diferentes em tantos

aspectos e tantas coisa, na maneira de andar e de falar, de ser tristes ou de ser alegres, que só um cientista social seria capaz de encontrar os segretos liames que explicam a diversidade geográfica e espiritual do povo brasileiro. Gostaria, sinceramente, que me dissessem onde se faz atualmente a melhor poesia brasileira.

O GALO - Como você vê jornais literários e/ou culturais, como O Pão, O Galo, o Correio das Artes, na produção cultural nordestina?

F. C. - Vejo com a maior simpatia. O PÃO, O GALO e o CORREIO DAS ARTES são importantes veículos de promoção cultural, com larga folha de serviços prestados aos escritores do país das secas. Pena que, apesar da indiscutível qualidade dessas publicações, elas não consigam o aplauso que merecem fora do contexto nordestino. Longe de mim de fazer aqui o discurso dos ressentidos. Mas é preciso reconhecer que a literatura produzida em nosso meio não tem a menor repercussão nos grandes centros urbanos de efervescência cultural, de onde as elites mercadológicas e intelectuais ditam a moda das roupas e dos poemas. Essas elites só ouvem falar do que acontece ou deixa de acontecer no Nordeste através dos estereótipos produzidos pelos "âncoras" dos grandes jornais e das televisões. Tudo leva a crer que os problemas que inviabilizam a expansão da literatura nordestina são também de ordem econômica e estão relacionados com a falta de vontade política dos governos, desde os tempos do Império até a República, no que se refere à implantação de programas destinados a promover o desenvolvimento integrado do Nordeste. A cultura não deveria ser tratada como algo desvinculado do ordenamento estrutural do País.

O GALO - Você lê poetas potiguaros? Quais?

F. C. - Na juventude li o **Horto**, de Auta de Sousa. Fiquei bastante impressionado com a dramaticidade do seu lirismo religioso, de raízes simbolistas. Meus conhecimentos sobre a poesia potiguar são limitados e superficiais. Mas não me são estranhos nomes da importância de Segundo Wanderley, Henrique Castriciano, Palmyra Wanderley, Othoniel Menezes e Homero Homem, para falar apenas nos mais antigos, que já se foram desta para a pior. Há o caso singular de Zila Mamede, maranhense que desde os sete anos de idade passou a residir em Natal, de onde extraiu os temas e conteúdos de sua obra poética e onde, lamentavelmente, veio a morrer afogada. Posteriormente, li os poemas de Doryan Gray Caldas, Luís Carlos Guimarães, Alberto Cunha Melo, Sanderson Negreiros, Nei Leandro de Castro, Paulo de Tarso Correia de Melo e R. Leontino Filho. Todos esses poetas me impressionaram pelo brilho, a competência e o seguro domínio do verbo poético. A Antologia da poesia potiguar, organizada pelo incansável Assis Brasil, exibe uma constelação de poetas de alto

nível. Aliás, quando comecei a ler regularmente **O Galo**, pude sentir o pulso vigoroso dos ensaístas e poetas potiguaros.

O GALO - Como você vê a poesia nordestina de hoje? Quais os seus grandes nomes?

F. C. - A atual poesia nordestina possui grandes expoentes e nada fica a dever à produção poética originária dos grandes centros de irradiação cultural. É uma poesia de afirmação, de compromissos explícitos com o homem e seu destino. Uma poesia de irreverência à flor da pele, de raízes telúricas, na qual se alternam momentos de ternura e de rebeldia, de lirismo e densidade épica. Ao falar por esse modo, estou pensando, também, na poesia dos repentistas nordestinos, em cujo lirismo avassalador se aglutinam todos os matizes e atavismos sedimentados no subsolo do imaginário popular. A poesia nordestina de hoje pode ser comparada à melhor poesia que se faz nas demais regiões do Brasil privilegiadas pelo desenvolvimento econômico. Se não ultrapassamos as barreiras regionais, se a nossa voz não vai além dos muros da tribo, não será por falta de garra ou de talento. O espírito, segundo a



Entre os livros mais recentes de Francisco Carvalho, "As verdes léguas" e "Raízes da voz" se destacam pela variedade de motivos poéticos que conseguem abrigar em suas páginas



Bíblia, sopra onde quer. O espírito dos poetas nordestinos, embora sufocado por preconceitos os mais diversos, continua a soprar com a força de um vaticínio. Quanto aos grandes nomes da atual poesia nordestina, só posso dizer que são numerosos. Assumo o compromisso de decliná-los na próxima entrevista.

O GALO - Você prefere o prêmio de um grande poema ou a sorte da mega-sena?

F. C. - Eu seria hipócrita se dissesse que preferia um prêmio literário a um desses prêmios milionários que a mega-sena costuma pagar a seus apostadores. Além de financeiramente inexpressivos, os prêmios literários no Brasil não têm o menor significado em termos de promoção dos escritores que os recebem.

O GALO - Em sua opinião, o que falta para a melhor compreensão da poesia no Brasil: uma crítica atuante e competente, uma política de educação mais conseqüente, mais bibliotecas públicas, atualizadas, a soma de tudo isso, ou o quê?

F. C. - Antes de mais nada, falta uma distribuição de renda justa e menos aviltante do que essa coisa vergonhosa que acontece atualmente no Brasil. Os

indicadores revelam que temos mais de trinta milhões de pessoas abaixo da linha de pobreza. Somem-se a isso os graves problemas existentes nos diversos níveis da área educacional, as escolas públicas de má qualidade e o ensino privado cada vez mais agressivo em termos de comportamento empresarial. Chegamos a este dilema: ou o ensino público deficiente em todos os seus aspectos, ou o ensino privado a custo inacessível à classe média. Pobreza, fome, analfabetismo e falta de saúde não rimam com poesia. A crítica literária no Brasil só existe em função de uma reduzida elite de escritores que têm acesso à grande imprensa. Essa regra tem algumas honrosas exceções. Uma dessas exceções é a Professora Nelly Novaes Coelho, da Universidade de São Paulo. Ela tem distinguido escritores nordestinos com estudos críticos à altura de sua reconhecida competência acadêmica. Como se sabe, a partir de determinada época, a poesia no Brasil foi acometida da "síndrome da engenharia". De lá para cá, só têm vez e voz os poetas-engenheiros, aqueles que fazem do poema um objeto puramente cerebral, uma construção, digamos assim, de estruturas verbais totalmente destituídas de emoção e musicalidade. Criou-se uma dicotomia: poema objetivo versus poema retórico. Fala-se até mesmo que o poeta

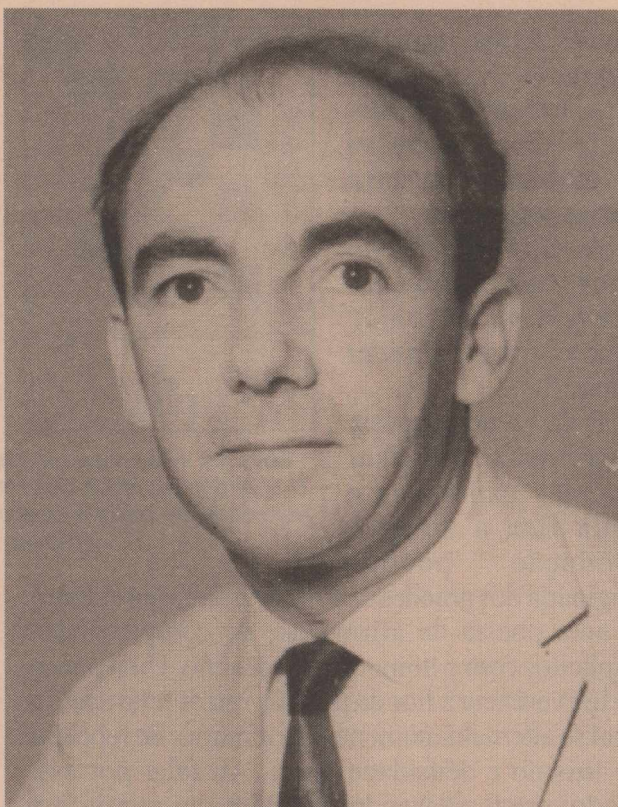


O poeta Francisco Carvalho recebe a Medalha do Mérito Cultural da Universidade Federal do Ceará, em 1982

acometido pelo vírus da retórica estaria buscando uma espécie de compensação para as suas "mutilações interiores". Nada de emoção ou de sentimento. Nada de relações incestuosas com a subjetividade. Por essa óptica, a lírica de Camões e de outros grandes poetas da língua simplesmente não existe. O poema, agora, há-de ter a anatomia de uma pedra. E sobre esta pedra o poeta edificaria o templo de sua racionalidade. Em resumo: falta distribuição de renda verdadeiramente digna, saúde, escolas públicas de boa qualidade, bibliotecas atualizadas nos centros urbanos e nas periferias. Falta, sobretudo, vergonha na cara das elites políticas que se revezam no poder.

O GALO - Quem lê poesia hoje; cada vez mais os próprios poetas e em menor escala o público?

F. C. - É verdade. Hoje ninguém mais lê poesia. Os livros de poemas mais parecem objetos clandestinos, relíquias de uma seita maldita inventada por algum bruxo da Idade Média. Chegamos ao ponto em que os poetas se lêem a si mesmos. Não há mercado para a poesia. Se ninguém lê poesia, obviamente as editoras não se interessam pelo assunto. O público, essa entidade abstrata, está cada vez mais distante da poesia. A luta desvairada pela



Cético, Francisco Carvalho desabafa: "Chegamos ao tempo em que os poetas se lêem a si mesmos"

sobrevivência, nestes tempos de cinismo globalizado, não nos deixam outra opção senão a de sonhar com mitologias redentoras, que nos prometem salvar do naufrágio. Não se espantem se logo mais os poetas, à semelhança dos leprosos na Idade Média, tiverem de usar um chocalho a fim de evitar que as pessoas sejam por eles contaminadas.

O GALO - Qual o papel do poeta num mundo finissecular como o de hoje?

F. C. - Os poetas estão sendo vaiados na ribalta. Já ninguém os convida para a ceia. Neste mundo finissecular, o poeta é apenas uma sombra à procura de solidariedade no meio de outras sombras. Apesar de tudo, ele tem o privilégio de reordenar as mitologias do cotidiano e de levar, através da palavra, um pouco de beleza e de solidariedade para aqueles que padecem de aflições reais ou metafóricas. O poeta não é um condutor de homens. Tem apenas a sua voz para semear expectativas e migalhas de esperança no coração do povo. Mas a vida e a dignidade das pessoas estão sendo ameaçadas. E o poeta nada pode fazer, com a sua voz e seu poema, para mudar as coordenadas do determinismo histórico. Só restaria ao poeta, segundo a pregação de Saint-John Perse, "ser a má consciência do seu tempo".

Romance, da Nuvem Pássaro

Dorian Gray Caldas

Gratíssimo pelo belo livro "Romance, da Nuvem Pássaro". Você me ofereceu um poema e é como se todos fossem escritos para mim, pois tenho o privilégio de sentir esta sua alta e misteriosa poesia. Digo-lhe que não estás só. Que sua alma não é apenas uma lâmpada acesa "à porta de ninguém". Que todo grande poeta é vigiado pelo olhar dos séculos. Seja ele de onde for. Que não existe pátria ou dono do reino da poesia. Walt Whitman diz em um dos seus mais belos poemas proféticos

"O que está em uma parte,
está em outra
em algum lugar
estarei a sua espera".

Esta presença da poesia corre no sangue do poeta como um rio profundo; rio que Heráclito atravessou coberto de dúvidas dos deuses e do tempo. O tempo não existe para o poeta. Ele é a dimensão de seu estado poético; a sagração de sua palavra: "A solidão é um demônio indômito". A solidão do poeta à semelhança de Jó é a solidão também do homem.

Este poema "Lâmpada" no seu livro *As verdes léguas* é um dos mais belos poemas que li nestes últimos tempos. Denso e lírico, profundo e abissal, uma raridade:

"Os mortos em
redor te cospem

pela única janela aberta
o abismo te sorri!"

É preciso chegar à maturidade para escrever versos assim; com esta força dramática, com esta limpidez e lucidez, resultantes do convívio com a vida. A vida, esta difícil charada dos deuses. Lembro os versos de Rilke, este outro grande poeta torturado pela forma...

"parece que trago em mim
pedaço
de eternidade no peito. Agita-se e grita,
e quer subir e quer girar com eles...
E isso é que é alma".

Lembro também o nosso Manuel Bandeira:

"Tudo é milagre,
tudo menos a morte".

Não pelo sentido da morte em si, mas pela agudeza da vida, a necessidade de viver a vida que ele sentia morrer em cada verso.

O seu novo livro, "Romance, da Nuvem Pássaro" dá continuidade à sua "densidade existencial" no seu compromisso com a beleza e a grandeza de vivê-la com intensidade e honra. A difícil convivência humana; o absurdo da vida, apesar de todos os sortilégios de que és possuidor; senhor absoluto de uma linguagem que já se incorporou definitivamente à poesia brasileira contemporânea. "Inacredi-

tável vocação para o sonho". A sua poesia é feita deste material que eterniza os versos; memórias de claridades perfumadas "reino onde não existe vassalos", erotismo e denúncia social; o lado agudo das setas e a lâ da ternura; o constante diálogo com as diásporas dos grandes poetas: Dante, Camões, Fernando Pessoa, Hölderlin, Neruda, também são teus conflitos; ou melhor, tábuas da lei escritas com os raios de fogo de um deus do Velho Testamento. A poesia, este sortilégio dos iluminados. Rimbaud sabia disso. A fuga para o deserto prova isso. O tédio dos horríveis pontões dos rios impassíveis, o insuportável culto aos mortos em seus repuxos de ouro e mármore, venerados.

Os seus versos transbordam da alma. A exegese da poesia. E a palavra intermedia a emoção, põe ritmo na métrica, refugia a ganga impura, para colocar mais alta "A flor do Lácio" do idioma, mas a palavras só não basta, é preciso ser poeta.

Agradeço pelo registro no seu livro da "Hora Solene da Poesia" de minha autoria, mais pela oportunidade que foi dada para dizer o que penso de sua poesia, do que pela pretensão literária que não possuo. Considero-me um bissexto em tudo que faço, movido todavia, por uma emoção incontrolável. Obrigado por aceitá-la. Neste seu *Romance, da Nuvem Pássaro* há uma predominância da rima, o que não invalida a idéia, e em muitos poemas a enriquece. Pois "a poesia é o triunfo da palavra sobre as idéias". O seu vôo poético atinge as altas colinas, os tetos dos mares, a cúpula das catedrais; alta e nobre, bela e inquietante. Cai no coração como uma gota de luz para iluminar as nossas almas fatigadas.

Um abraço,
Dorian Gray Caldas



Relembrando o Maestro

Capiba

O REI DO FREVO

Protásio de Melo

A 30 de Novembro de 1997 a mídia pernambucana anunciava a morte de Capiba – o grande compositor nordestino, aos 93 anos de idade,

“Quem não conhece Capiba não conhece o Recife”. Essa frase ouvida pelo cineasta Nelson Pereira dos Santos, nas ruas da Mauricéia, retrata muito bem o sentimento do recifense para com seu grande compositor, meu colega da Faculdade de Direito do Recife, onde nos formamos em 1939.

Nascido na Paraíba, desde pequeno, vivia em ambiente musical. Por influência paterna aprendeu a tocar piano, exibindo-se

dizer toda sorte de disparates. Capiba, que não era burro, viu logo que havia safadeza e, virando-se para cima (era tático) exclamou: “minino Qui porcaria é essa?”. Muitos risos e novo ditado. Desta vez ... certo. Andando com Noel Nutels, colega da faculdade e que depois se tornou o famoso médico dos índios brasileiros, chegaram a um estacionamento e viram um local vago. Diz Capiba: “Noel tem uma vaca ali”. Junto estava uma mulher gorda dos peitos grandes que, olhando zangada para Capiba, exclamou: “Vaca é sua mãe, seu cachorro.”

Noel teve então que explicar, para acalmar a mulher. Na língua de Capiba vaca e vaga eram a mesma coisa, soavam do mesmo modo.

Num exame da Faculdade, prova de direito penal, o professor, Gervásio Fioravanti, o grande penalista do Recife, perguntou a Capiba o que era Direito. Capiba coça a cabeça e responde: “É um círculo dentro do qual nós obramos”. Ao que o mestre Gervásio, retrucou: “Seu Capiba essa sua definição parece melhor para um vaso sanitário”.

Como músico compôs muita coisa bonita, sendo seu grande sucesso, na minha época, a **Valsa Verde**, muito cantada e tocada nos salões de festas do Recife. Poderíamos ainda citar, do velho músico, **É de Tororó**, maracatu de grande sucesso, **É de Amargar** e o famoso frevo **Rosa Amarela** que o imortalizou. Caetano Veloso sugeriu à mãe o nome de sua irmã, tirado da valsa **Maria Betânia**. Aham os amigos que o maestro compôs mais de 500 músicas. Letícia Lima, crítica musical do Recife, que escreveu sobre o autor da **Valsa Verde**, via, nas músicas de Capiba, os aboios dos vaqueiros do nordeste, a viola dos cantadores e as fanfarras sertanejas. Aos 80 anos encontrou-se com seu grande amigo e admirador, Dr. Grácio Barbalho, olhou para ele e disse: “Grácio Barbalho! ...”. Tinha uma memória fabulosa, Nos 25 anos de comemoração de nossa formatura, no Recife cheguei perto dele e fiquei calado. Ele, em cima da bucha, bem sério, exclamou: “Protásio Melo”. Em janeiro de 1930, Capiba foi ao Rio de Janeiro com a Jazz Band

Acadêmica de Pernambuco. Apresentou-se em show no Teatro Municipal com fracasso completo, chegando alguns jornalistas a chamá-los de “selvagens baianos”. Nunca tinham ouvido um maracatu nem um frevo de rua. Quatro anos depois, eu já fazendo parte da banda estudantil, (1934) fomos ao Rio, pela 2ª vez. Nestas alturas a sociedade carioca já havia descoberto a música pernambucana. Fizemos um sucesso sem precedentes na história da orquestra e depois fomos a São Paulo, onde ficamos vários meses, com o mesmo sucesso. Como Cascudo e Lupercínio Rodrigues – o sambista gaúcho, Capiba ficava em casa e irradiava seus sucessos por todo o Brasil. Na festa dos 25 anos, no Recife, depois de ter falado sobre a música de Pernambuco, fiz-lhe uma pergunta. Ele atrapalhou-se, olhou pra mim e perguntou: “Minino é eu tava dizendo”. Muitos risos. Era uma personalidade equilibrada, voz amiga e singela. Lourenço Barbosa Capiba era um homem bom!

Protásio Melo é escritor, advogado e ex-Diretor do Museu Câmara Cascudo, da UFRN.



nas salas de cinema no tempo dos filmes mudos. Fundou a “Jazz Band Independência”, em João Pessoa e a “Jazz Band Acadêmica de Pernambuco”, da qual fiz parte, como baterista, até o ano de 1939, quando nos formamos.

De um desentendimento com Vicente Andrade, pistonista brilhante, dos Andrade de Macaíba, abriu-se minha oportunidade de entrar para a famosa orquestra estudantil, onde fiquei até me formar. Capiba terminou seu curso comigo e nunca foi buscar o diploma. Quando os amigos reclamavam ele dizia: “Deixa lá, tá bem guardadinho”. Depois fez concurso para o Banco do Brasil onde chegou a gerente.

Na faculdade, com quem convivi durante 4 anos, lembro-me que certa vez, numa prova de Direito Civil, Capiba pediu “cola”. A sala era em anfiteatro. A turma de cima disse: “copia Capiba” e começaram a

Velejando nos Veleiros do Infinito

Luís Carlos Guimarães

À pergunta se tinha lido determinado livro, Oswald de Andrade fez a **boutade**, ainda hoje comentada, do “não li e não gostei”. Irreverência à parte, agora, sobre “Os Veleiros do Infinito - Crônicas do Planeta Azul”, de Iveraldo Guimarães, digo exatamente o contrário, e por motivos obviamente justificáveis: “Não li e gostei”.

Com crivo seletivo, o volume reúne matérias publicadas em revistas e jornal da cidade, na coluna nominada “Crônicas do Planeta Azul” e conhecendo-as, na sua maioria, posso emitir um juízo de aprovação. Comprovo esse julgamento, com mais razão ainda, porque recebi o livro e fiz sua travessia com o repetido sabor de uma releitura há muito desejada, como quem passa por uma terapia de envolvimento prazeroso.

Uma aura de beleza perpassa todas as crônicas, numa leitura entremeada de exaltação e serenidade, se entendermos que um certo fervor gera uma atmosfera feliz, compósita desses dois extremos; e esse clima de espontaneidade se desdobra por todos os estágios do livro, numa linguagem impregnada de poesia, espalhada e aberta, reveladora da magia que é o ato de escrever.

Iveraldo inaugura num espaço devoluto nesse gênero o que eu diria ser uma crônica didática, intercalando saber e entretenimento, lastreando informação com a preocupação de objetividade científica. Dessa forma pressiona os canais da

sensibilidade do leitor e o que ensina não se dilui como imagem passageira.

Professor e biólogo, apaixonado pelos assuntos que explora na área de seus estudos, a mais valia de sua experiência profissional enriquece os temas, extrapola o círculo original pela sua observação apurada, aprofundando liames com o leitor.

Pela clareza da exposição nada se torna obscuro. Com o suporte de títulos sempre poéticos, de tonalidades líricas, a crônica vai fluindo pausada e natural, e muitos dos temas, pela sua natureza e essência definidos com frieza nos compêndios de ciência, pela sua visão de poeta, adquirem contornos de limpidez e transparência.

Os títulos das crônicas balizam numa direção e seguem rumo diferente, numa operação de despistamento que chama a atenção para o que sugere inicialmente e no desenvolvimento do texto aborda assunto diverso. O título seria o indicador do cerne da questão? Ou uma arma de sutileza a apontar uma técnica, uma chave ou uma senha para atrair e confundir o leitor, com essa armadilha de ambigüidade, com esse tratamento de surpresa e mistério?

Aonde nos levará o **eterno instante de uma paixão**? O que nos revelará o **manifesto da terra**? Nos **quintais das estrelas mortas** serão travadas as **batalhas na rua descalça**? Quem disse que **as rosas não falam**? Quem fez esta afirmação?



— O caçador das canções de areia? Os pescadores do cais? Os fantasmas coloridos? A sombra do anjo? A lua da solidão? A estrada é longa, leitor. Bom é começar a viagem. Ao largo, nos Veleiros do Infinito!

Luís Carlos Guimarães é poeta e tradutor



As crônicas de Iveraldo Guimarães oscilam entre a exaltação e a serenidade, numa linguagem impregnada da mais pura poesia

OS QUINTAIS DAS ESTRELAS MORTAS

Iveraldo Guimarães

Todo mundo tem um mundo que é só seu, construído com sonhos, reminiscências, vivência, esculpido ao longo da existência pelo aprendizado e outros cinzeis os mais diversos. Urge que eu remodele os alicerces do meu mundo, porque eles estão sendo corroídos por constatações entristecedoras. Por exemplo: nele, antes não existiam os edifícios que hoje levam as pessoas para mais perto do céu, mas que infelizmente, cobrem os quintais moribundos com seus lençóis de cimento.

Onde nasci, ali na fronteira do bairro das Rocas com o Rio Potengi, construí nos quintais da minha infância o meu mundo de fantasias, o meu inexpurgável império, com tão poucas coisas da minha vida real. Eu ouvia os bem-te-vis nos coqueiros do quintal de Valdomiro, o vizinho da esquerda, e o som do clarinete de Eduardo Medeiros, o vizinho da

esquerda, que jogava as notas da canção “Praieira” através da cerca, a divisa dos nossos mundos. Os arazás, as azeitonas-roxas, mangas-rosas caíam coloridas do alto de minha floresta particular e salpicavam tanto o chão que eu imaginava fossem as frutas estrelas maduras num céu de areia. Dos geométricos leirões de manivas plantadas por meu pai, assistia a batalhas terríveis das formigas-de-roça, travadas nos campos de silêncio. Sonhando, perambulava na minha selva de sonhos até encontrar-me com a noite, que me entregava o medo das sombras. É verdade. Os sons provindos das corujas, dos grilos, dos gatos, dos passarinhos aninhados ou do farfalhar das folhas vinham, para mim, de criaturas medonhas que povoavam as penumbras. Mas essas criaturas sumiam tão logo os vaga-lumes surgiam do nada para pintar de luz a tela escura da noite. Lá em cima, no infinito, milhões de estrelas teciam o teto de meus quintais.

Eu ficava ali na soleira da porta da

Era preciso caminhar na minha memória até a infância para voltar a encontrar o sentimento de uma proteção soberana. Para os homens já não há proteção

Antoine de Saint Exupéry

cozinha admirando aquela cobertura de sóis longínquos quem seria seu acendedor de todas as noites.

Quando a infância deixou-me e procurei entender alguns dos mistérios do mar, descobri também uns poucos segredos do céu. Aprendi que as estrelas cintilam tão longe que sua lonjura não é calculada em quilômetro, mas em ano-luz, a medida da distância pela luz percorrida em um ano. Ao olharmos para elas, vemos tão somente a luz emitida há muito tempo. Na verdade olhamos para o seu passado.

O universo foi se desnudando diante de mim, através das descobertas dos astrônomos, até fazer-me deparar com uma informação que ampliou a erosão das fundações de meu mundo íntimo. Afirmavam os cientistas que a grande parte das estrelas, luziluzindo nas noites, não

existiam mais, haviam morrido na escassez de seu combustível e restaram apenas seus últimos espasmos de luz, ainda chegando até nós.

Diante de tais realidades tão inevitáveis e tão indesejáveis, nós (os *poetas, principalmente*) sentimos uma tristeza brotar pelos canteiros da alma e uma angústia tomar conta de tudo. Uma angústia que acaba se transformando em estranha melancolia ou até mesmo num desejo de desforra, embora, quase sempre, essa desforra nunca passe de um mero desejo. Deve ter sido isso que veio acontecendo pelas azinhagas do meu eu, pois cheguei a desejar que se plantassem mais edifícios, muito mais edifícios. Afinal, de que adiantam os quintais, se as crianças quando crescem descobrem que seus tetos são feitos de estrelas mortas?

Rio Grande do Norte

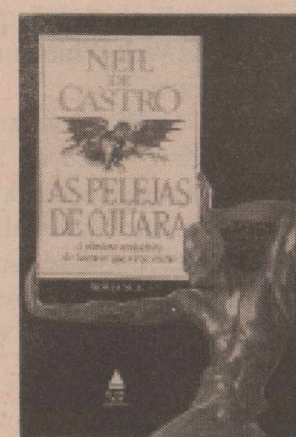
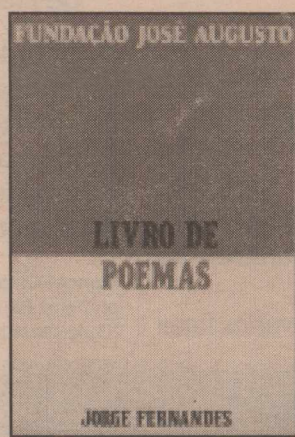
Os livros do século

Manoel Onofre Jr.

Quais as obras mais expressivas da Literatura Potiguar, no século XX? A esta indagação de "O Galo", respondo com a seguinte lista - dez títulos nos domínios da Literatura, da História e da Etnografia. Antes, porém, esclareço que,

na escolha de cada obra, levei em consideração não apenas o seu valor intrínseco, mas também sua importância histórica.

Sem mais preâmbulo, vamos à lista.



HORTO

de Auta de Sousa.

Lançado em 1900, com prefácio de Olavo Bilac, foi a primeira obra literária de autor potiguar a alcançar repercussão nacional. Mas, ao contrário do que se possa pensar, a sua projeção incomum não se deve a Bilac, mas, sim, aos críticos católicos. Tristão de Athayde e Jackson de Figueiredo, principalmente. Estes identificaram-se com a profunda religiosidade de Auta, e a revelaram para todo o Brasil. Desde então, Auta e o "O Horto" tornaram-se citações obrigatórias na maioria dos estudos sobre a História da Literatura Brasileira (Alfredo Bosi, Otto Maria Carpeaux, Nelson Werneck Sodré, Massaud Moisés, etc.). Câmara Cascudo também contribuiu para o culto de santa Auta, com o seu melhor trabalho biográfico - "Vida Breve de Auta de Sousa", todavia sem grande repercussão além da província.

LIVRO DE POEMAS

de Jorge Fernandes

Se o Modernismo é o grande movimento literário do século XX, "Livro de Poemas de Jorge Fernandes" pode ser considerado o livro do século no RN, como arte da palavra, tamanha a sua relevância histórica. Foi, na verdade, a única obra modernista de real interesse, entre nós.

Jorge Fernandes era amigo de Mário de Andrade, o papa do modernismo, com quem manteve correspondência, tendo se engajado no movimento via Câmara Cascudo, como colaborador de "Terra Roxa" e "Revista de Antropofagia", especialmente.

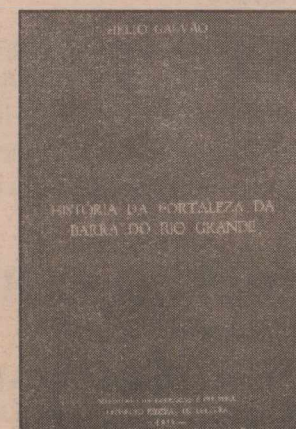
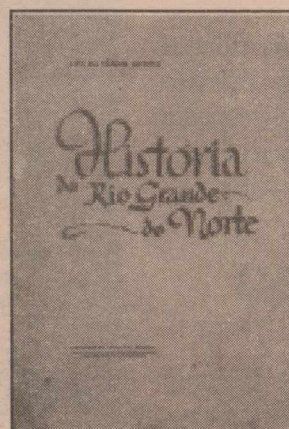
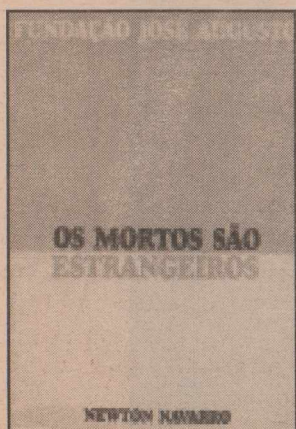
Seu livro, lançado em 1927, trazendo somente versos livres - sem rima e sem métrica -, dentro das novas propostas, valeu por um grito revolucionário na Província Literária, até então dominada pelos parnasianos e pelos românticos retardatários.

Pioneirismo à parte, a obra avulta, igualmente, pelo seu valor intrínseco, situando-se no mesmo nível qualitativo de outros "clássicos" da modernidade, tais como "Navegos", de Zila Mamede; "O Sal da Palavra", de Luís Carlos Guimarães; "Fábula Fábula", de Sanderson Negreiros; "Contracanto", de Jarbas Martins; "Inventário", de Myriam Coeli, etc.

NAVEGOS

de Zila Mamede

Reúnem-se nesta obra cinco livros da poeta (poetisa, dizia-se outrora) que Luís Carlos Guimarães considerou "a estrela-guia de uma geração". Posteriormente, veio a público "A Herança", seu último livro, com algo de premonitório a partir do título. (Zila morreu afogada no mar de Natal, numa Sexta-feira, 13 de dezembro de 1985).



“Navegos” tem o seu ponto mais alto em “O Arado”, livro telúrico e evocativo, “sem nenhuma dúvida o melhor, o mais vivo e o mais belo dos livros de Zila Mamede”, no dizer de Osman Lins.

O AGRIMENSOR DA AURORA

de Homero Homem

De todos os poetas norte-rio-grandenses, Homero Homem foi, sem dúvidas, o que mais se projetou no cenário nacional. Sua obra, editada e distribuída por editoras de grande porte, tem sido objeto de estudo de críticos renomados, como, por exemplo, Wilson Martins e Gilberto de Mendonça Teles.

Em 1981, HH enfeixou onze livros de poesia em um só volume, sob o título “O Agrimensor da Aurora”. Dentre os referidos livros, interessam-nos, especialmente, “Terra Iluminada”, que tem como epígrafe estes versos de Walt Whitman: “Quem toca este livro/ abraça um povo”.

“Terra Iluminada” é o Rio Grande do Norte das saudades do autor. Este viveu no Rio, desde a juventude, “pobre desterrado sonhando com mangas enormes e rosário de místicas castanhas de caju no peito potiguar e ausente”, como se confessava.

Em outro livro, lançado posteriormente - “O Luar Potiguar” (1983), HH volta a entoar cantos de amor à sua terra & gente.

AS PELEJAS DE OJUARA

de Neil de Castro

Romance picaresco nordestino, sobre elementos da cultura popular regional, entre a sátira e o humor.

Editado em 1986 por uma grande editora, só agora começa a obter o sucesso que bem merece, inclusive com adaptação para o cinema, em andamento. É, sem favor, uma culminância em nossas letras.

Não hesitei em escolhê-lo numa pré-seleção, em que figuraram os seguintes romances: “Por que não se casa, Doutor”, de José Bezerra Gomes; “O Rio da Noite Verde”, de Eulício Farias de Lacerda; “Gizinha”, e “Os Moluscos”, de Polycarpo Feitosa; “Um Gosto Amargo de Fim”, de Nilson Patriota, e “Macau”, de Aurélio Pinheiro.

OS MORTOS SÃO ESTRANGEIROS

de Newton Navarro

Artista multifacetado, o autor figura como um dos melhores contistas potiguares, ao lado de Tarcísio Gurgel, Francisco Sobreira, etc. Este livro - espécie de mitologia pessoal - constitui-se, a meu ver, na obra mais representativa da ficção curta, em nosso Estado.

SERTÕES DO SERIDÓ

de Oswaldo Lamartine

No campo da etnografia e do folclore, Câmara Cascudo pontifica *hors concours*. De modo que,

nessa área, cabem os louros a esta coletânea de ensaios, de alto valor, seja como trabalho científico, seja como obra de arte.

HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE

de Tavares de Lyra

Primeiro quaçro geral em profundidade, com inegáveis méritos, principalmente o de haver aberto caminho. Lamentavelmente, falha pelo excesso de transcrições, bem como pelos julgamentos de figuras e fatos.

A meu ver, não resiste a um paralelo com a “História do Rio Grande do Norte”, de Câmara Cascudo, mas é melhor do que “História do Estado do Rio Grande do Norte”, de Rocha Pombo, obra feita por encomenda do Governador Ferreira Chaves.

HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE

de Câmara Cascudo

Das três histórias gerais do Estado, salienta-se - não só do ponto de vista da ciência, mas também da arte, haja vista sua qualidade literária.

O autor, embora tenha testemunhado vários fatos

enfocados, conserva-se isento, não julga nunca. Isto é importante em História. Pena que ele não tenha se estendido sobre a era contemporânea.

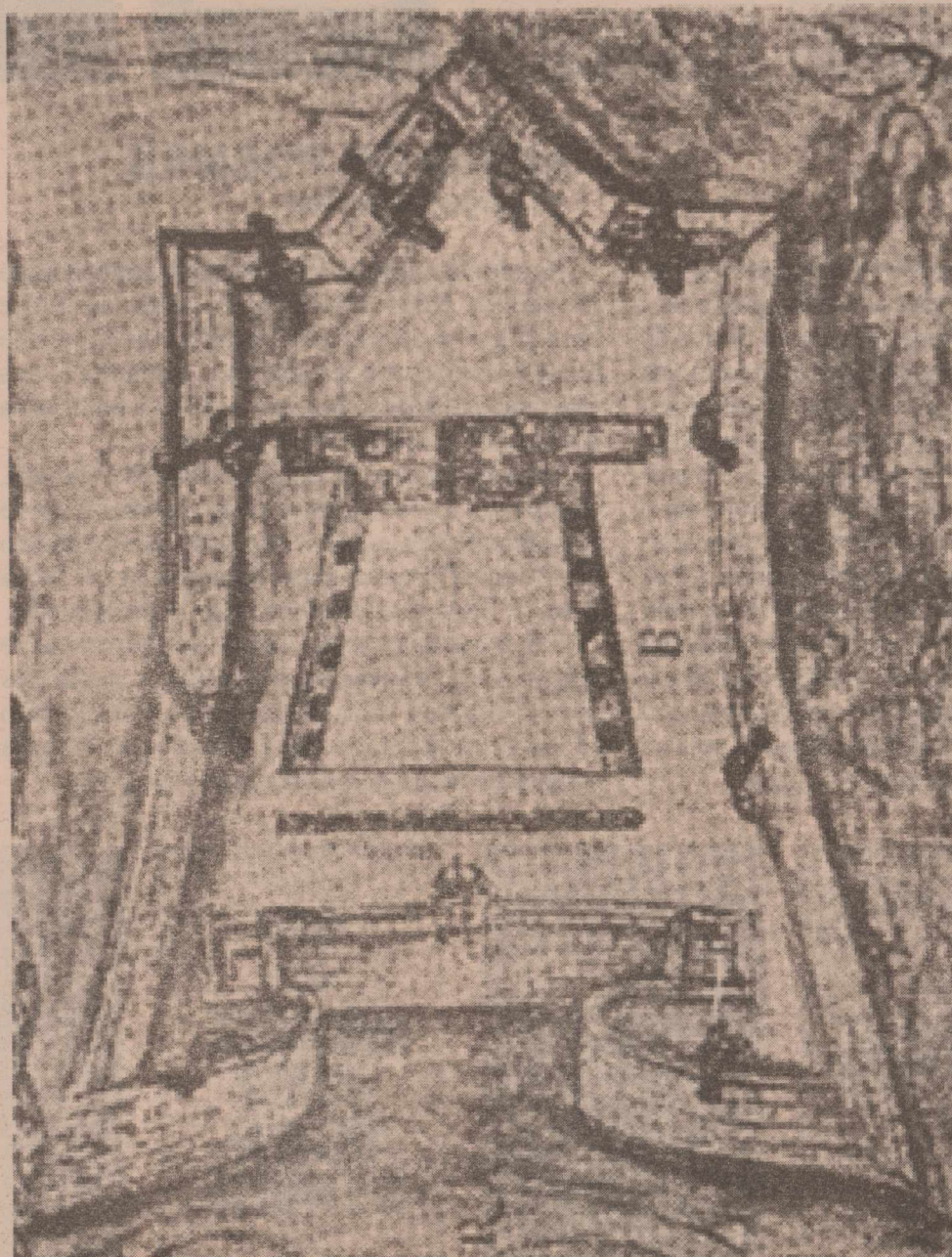
Alguns estudiosos têm feito reparos à sua postura ideológica, numa atitude que raia o patrulhamento. Cascudo é conservador, como conservadores são os outros grandes historiadores potiguares - Tavares de Lyra, Vicente de Lemos, Nestor Lima, Hélio Galvão, Vingt-Un Rosado, Tarcísio Medeiros, Olavo de Medeiros Filho e Lenine Pinto, estes dois últimos, animados de um revisionismo salutar, e quase sempre polêmicos.

HISTÓRIA DA FORTALEZA DA BARRA DO RIO GRANDE

de Hélio Galvão

Estudando a História da fortaleza, hoje denominada, comumente, Forte dos Reis Magos, o autor termina por traçar um vasto painel da vida pública na Capitania do Rio Grande. E o faz de modo criterioso, em boa forma literária, com base em documentos e copiosa bibliografia.

Manoel Onofre Jr. é ficcionista e crítico literário. Escreveu “A primeira feira de José”, “Ficcionistas do Rio Grande do Norte”, “Guia da cidade do Natal”, entre outros livros.



A história da Fortaleza dos Reis Magos, monumento conhecido hoje pelo nome de Forte dos Reis Magos, foi levantada pelo historiador Hélio Galvão. A foto ao lado reproduz a primeira planta conhecida do Forte dos Reis Magos, datando de 1616, de João Teixeira Albernais, do livro do Sargento-Mor Diogo de Campos, “Razão do Estado do Brasil”, manuscrito que se encontra na Biblioteca Municipal da cidade do Porto - Portugal e publicada por Hélio Galvão, em seu livro: “História da Fortaleza da Barra do Rio Grande”, editado pela Fundação José Augusto.

LIVROS / lançamentos

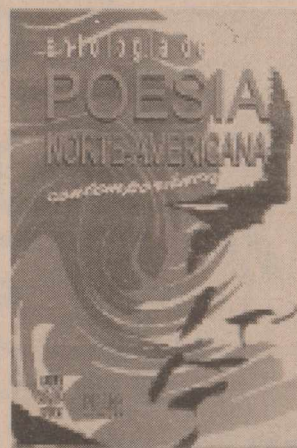
Nelson Patriota

Ensaio
Editora do Sebo Vermelho
Natal-RN
1999

Mais do que uma curiosidade histórica, o breve texto de Djalma Maranhão "Casculo, mestre do folclore brasileiro", é um depoimento de alguém que viveu a cultura popular com toda a intensidade e autenticidade que lhe conferia a condição de homem público. Assim, é louvável a iniciativa do Sebo Vermelho, de Abimael Silva, de republicar o opúsculo de Djalma Maranhão acrescentando-lhe uma apresentação do filho Marcos Maranhão, e que, ao comentar a obra administrativa de seu pai, até hoje um marco registrado de forma indelével na alma popular natalense, resume-a como uma "grande Pasárgada Cultural". Além de rica iconografia, que mostra diversos momentos da vida pública de Djalma Maranhão, a obra traz ainda um resumo biográfico desse grande homem público natalense que prestou um honroso tributo à memória do seu contemporâneo Luís da Câmara Cascudo.

Antologia
Editora da UFSC
Florianópolis-SC
1997

A novíssima poesia norte-americana já está ao alcance do leitor brasileiro, mesmo daquele que domina só os rudimentos da língua inglesa. Antologistas como Jorge Wanderley, os irmãos Campos, Ivo Barroso, José Paulo Paes, Ivan Junqueira e outros têm contribuído decisivamente para trazer até nós a poesia da América do Norte. A professora catarinense Maria Lúcia Milléo Martins soma-se agora àqueles nomes, com a publicação do livro "Antologia de poesia norte-americana contemporânea", dando-nos versões convincentes para os belos poemas da epicurista Louise Glück, cheios de reticências sobre a outra vida, mas ávidos desta vida; ou a prosa poética e melancólica de Lloyd Schwartz e sua marcada influência de Wallace Stevens; o naturalismo de William Mathews, ou o longo poema em prosa de Lyn Hejinian, que vale uma meditação à Joyce, em torno da questão: "o que é um poema".

Revista
Fundação Cultural Pe. J. Maria
Natal-RN
1998

A Fundação Cultural Padre João Maria dedica o número 3 da revista "Século - atualidade cultural" ao historiador e folclorista Luís da Câmara Cascudo. O historiador Itamar de Sousa e o professor Carlos Lyra são os responsáveis pela dupla homenagem a Cascudo. O primeiro, defende que Cascudo foi um genuíno escritor católico, lembrando ter ele privado da amizade de muitos padres, alguns dos quais biografou, e ter ainda recebido a Ordem de São Gregório, conferida pela papa Pio XII, em reconhecimento a seu trabalho em prol da divulgação do catolicismo. O segundo resgata uma entrevista que fez com Cascudo em 1976, mas que se mantém atual para a compreensão de questões fundamentais, como, por exemplo, a razão de ter Cascudo se voltado desde jovem para a cultura popular, quando tantos seus contemporâneos torciam o nariz, aristocraticamente, para tal estudo, inclusive colegas de magistério.

Biografia
Editoras AIP & UPE
Recife-PE
1998

O escritor e editor pernambucano Juarez Correia apresentou em Natal, no dia 20 de maio passado, na Academia Norte-rio-grandense de Letras, seu novo livro "Ascenso Ferreira, o nordeste em carne e osso", lançado em fins do ano passado. Misto de biografia e estudo crítico, o livro repassa momentos decisivos na vida do poeta de Palmares, seus contatos com o parnasianismo e, em seguida, com o modernismo; sua integração à boemia recifense; seu anedotário proverbial; seus poemas. Enfim, fornece uma visão geral do poeta, nas comemorações do seu centenário.

História
Editora da UFRN
Natal-RN
1998

A historiografia norte-rio-grandense em torno das personalidades deste século ganha, inegavelmente, com a contribuição que a professora Marta Maria de Araújo acaba de dar com a publicação de seu livro "José Augusto, político e educador militante", prefaciado por Aluizio Alves e com "orelhas" assinadas por Tarcísio Gurgel, o livro de origem acadêmica, é, no entanto, "palatável" também ao leitor não especializado, o que é, ainda, e infelizmente, pouco comum. De acréscimo, o livro vale também por uma incursão circunstanciada em torno da história política do Rio Grande do Norte deste século.

Romance
Editora Sintaxe
Ourinhos-SP
1997

O romance de cunho regionalista não se limita às suas vertentes nordestinas, embora tenha se projetado nacionalmente a partir do ciclo nordestino dos anos 30. No livro "Geada", o romancista fluminense Salvador Fernandes desloca o eixo de sua narrativa para o interior paulista, concentrando-se numa cidadezinha da região de Sorocaba, às margens do rio Paranapanema, para onde o café migrou no princípio do século. A partir daí, e sempre em torno da cultura do café, eclodem os medos, as esperanças, os projetos e a vida dos habitantes de Ouro Verde, vazados em prosa de inegáveis méritos.

Contos
Editora Insular
Santa Catarina-FL
1997

Autor de uma obra já bastante vasta, que passa pelo romance, o conto, o ensaio, o jornalismo, o cinema, etc., o escritor Salim Miguel, catarinense de Biguaçu, presta uma homenagem à cidade natal em "Onze de Biguaçu mais um", coletânea de contos que resgatam o cotidiano de uma pequena cidade situada nas proximidades de Florianópolis. A lição de sexo que um adolescente recebe numa pensão, a chegada de Carlos Galhardo à cidade, o garoto que é surpreendido ao montar um amável cavalo, estão entre as narrativas desse "Onze de Biguaçu mais um", de Salim Miguel.

Filosofia
Editora da UFPB
João Pessoa-PB
1999

A grande maioria dos brasileiros conhece Pedro Américo apenas como o célebre pintor de "O grito do Ipiranga" e outros quadros cívicos pintados em meados do séc. XIX. Com a publicação do livro "A ciência e os sistemas - questões de história e filosofia natural", agora lançado pela Coleção Nordeste da Editora Universitária da UFPB, em tradução do professor Gabriel Alves de Oliveira, já é possível conhecer o pintor filósofo que escreveu em francês, ousou criticar o positivismo e chamou a atenção de Sílvio Romero, o qual o incluiu entre os filósofos brasileiros de sua época.

Antologia
Editora Imago
Rio-RJ
1999

A poesia baiana deste século está representada por 66 poetas coligidos por Assis Brasil e reunidos em "A poesia baiana do século XX", dando prosseguimento às antologias estaduais de poesia do crítico piauiense. Neste volume circulam nomes conhecidos nacionalmente, como José Carlos Capinan, Pedro Kilkerry, Ruy Espinheira Filho, Ildásio Tavares, Antônio Riseiro e Franklin Dória, entre outros. Além de conter poemas representativos de cada poeta, a antologia traz ainda uma introdução à poesia baiana, assinada por Assis Brasil e, no final, uma bibliografia de todos os poetas selecionados.

An abstract line drawing in the background of the page. It features a profile of a face on the right side, looking towards the left. On the left side, there is a bottle, possibly a perfume bottle, with a stopper. The lines are fluid and expressive, creating a sense of movement and depth. The overall style is reminiscent of mid-20th-century modernism.

A cada esquina

Já não consigo
restaurar
a vida que perdi
ao te conhecer.
Fui um dia mais feliz?
Não sei.
Sei que este não é o meu tempo,
não é o meu país.
Talvez, haja algo a porvir,
Mas, padeço
da impossibilidade da busca.
Temo me encontrar
na próxima esquina,
sem você, mais uma vez.
Nada substituirá meu desamparo,
pois a odiosa história
dos meus sonhos
transmutou-se num único
e fluido
pesadelo que não me apresenta
a saída, tal qual um labirinto....
um labirinto...
um labirinto
pena.

Lívio Alves Araújo de Oliveira

Náufrago

Quantos sorrisos em máscaras
desfilaram, hoje,
em meio às ásperas avenidas
que percorri, perdido,
rosto banhado por lágrimas,
em cada uma um nome de mulher?
Espero a última lágrima,
ainda para esta noite.
E que quando se derramar pelo solo,
a lavar todos os pés que me esmagam,
lave também os pés da dor
que incessantemente amo.
Ou, então,
que se torne em
onda turva,
embriagando o lancinante grito
que se inaugura
a cada sonho descontínuo.

Culpa

Há um misterioso
e inflexível
tribunal que habita em mim,
disposto a declarar, a priori,
a minha culpa,
e me degredar
para os mais distantes desertos.
Culpada é também
a minha existência
que me permitiu o erro,
como que para sentir o acentuado
sabor
da minha punição
após cada ato falho cometido.
Meu pecado é o de estar,
que obsta o de ser.
Meu acerto: gritar.
Eu e todas as culpas
seremos agrilhoados juntos
na prisão inabitável
das mil vidas,
onde, em meio a calores e suores vis,
cumprirei a minha
mais inexorável
pena.